AVEIRO, 4 DE JANEIRO DE 1969 * ANO XV * N.º 739

Litoral

SEMANÁRIO

Director e Editor — David Cristo * Administrador Alfredo da Costa Santos * Proprietários — David Cristo e Francisco Santos * Redacção, Administração, Composição e Impressão na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sargento Clemente de Morais, 12 — Telefone 23886 — AVEIRO

HOMENAGEM em ÍLHAVO a D. MANUEL TRINDADE SALGUEIRO

Presente o CHEFE DO ESTADO

Na praça mais vasta de Ílhavo, ergue-se, desde o último domingo, perene memória, no bronze e na pedra, a D. Manuel Trindade Salgueiro, luminar da Igreja portuguesa e saudoso «Bispo da Gente do Mar». A presença do Chefe do Estado e do Cardeal de Lisboa à cerimónia inaugural dá medida do alto significado que se pretendeu imprimir à consagração do ínclito ilhavense ; mas o nobilitante intuito saíu mais evidenciado ainda com a presença também dos Ministros do Interior, da Justiça, da Marinha, dos Estrangeiros, das Corporações, do Secretário de Estado da Informação, do Governador Civil de Aveiro, dos Almirantes Henrique Tenreiro — um dos principais promotores da homenagem —, Quintanilha de Mendonça Dias e Reboredo e Silva, de numerosíssimas outras personalidades do maior destaque na vida pública nacional, nomeadamente o Presidente da Fundação Gulbenkian ; e, em representação da Igreja, do Arcebispo Primaz de Braga, do Arcebispo-Bispo de Beja, do Arcebispo de Évora e dos Bispos de Cízico, do Algarve e de Aveiro, além de outros altos dignitários eclesiásticos.

Na companhia de sua esposa, filhos, genro e netos, o senhor Almirante Américo Tomás, com ilustre comitiva, chegou à estação da C. P. de Aveiro, naquela manhã, soalheira mas frigidíssima; todavia, a desagradável temperatura não obstou à comparência de apreciável multidão, que se estendeu, desde o largo, pelas áleas da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho. Na gare, o Chefe do Estado recebeu os primeiros cumprimentos, depois de executado o Hino Nacional pela Banda Amizade. Uma formação de Bombeiros prestou-lhe guarde de honra. Romperam os aplausos do povo logo que o senhor Almirante Américo Tomás, passando entre duas filas de lindas raparigas trajadas de tricanas e salineiras, assomou à porta de saída da gare. A Banda do Internato Distrital, entretanto, punha uma nota alegre na luzida recepção. E foi sempre entre manifestações de simpatia das populações, que o cortejo automóvel, passando pela Gafanha, chegou a Ílhavo.

A laboriosa vila vestiu as suas melhores galas: polícroma de bandeiras e de colgaduras; ruidosa dos foguetes; e o povo recebeu o Chefe do Estado com flores e aclamações.

Depois, foi a missa na igreja matriz, celebrada pelo Bispo de Aveiro que, à homilia, evocou eloquentemente a figura prestigiosa de D. Manuel Trindade Salgueiro.

Continua na página três

O senhor Presidente da República, momentos depois de descerrar a estátua de D. Manuel Trindade Salgueiro, ficou ali, por momentos, em respeitoso recolhimento

MISERICÓRDIA

um templo salvo dos estragos do tempo

NÃO sabemos — nem isso importa — se as obras efectuadas (e a efectuar) na vetusta igreja da Misericórdia de Aveiro foram, de algum modo, impulsionadas pelos clamores saídos destas colunas; sabemos — e isso é o que fundamentalmente importa — que o elegante templo está restituído, quanto possível, à traça inicial, firme nos seus paredões, livre do perigo do desprendimento de cornijas e capitéis, capaz de enfrentar o tempo, apto para as celebrações do culto. Pode entrar nele, agora, o crente e o esteta. Serve ele agora à fé, à arte — e à história: à história também, porque foi ambiente de fastos locais, desde o século de seiscentos, dos grandes lutos aos hossanas gratulatórios, quando só templo de irmandade ou quando sé da mitra de Aveiro.

A actual Mesa Administrativa da Santa Casa, da provedoria do sr. Comendador Egas Salgueiro, resolveu meter ombros à empresa: nesta primeira fase, agora em vias de conclusão, o corpo da igreja; a sacristia, a seguir; depois, a quadra adjacente, com seu amplo páteo, galerias, casa do despacho. Um conjunto maravilhoso, harmónico, de elementos interligados ou em continuidade, belo e raro espécime de arquitectura religiosa da Renascença de transição.

Ao cabo de trabalhos exaustivos, que se prolongaram por cerca de cinco meses, reabrirá as suas portas, na próxima segunda-feira, Dia de Reis, a igreja da Misericórdia — com cerimónia solene, pelas 11.30 horas, a que presidirá o venerando Prelado da Diocese, sr. D. Manuel de Almeida Trindade.

O empreendimento da Mesa Administrativa está acima de qualquer encómio; mas importa sobrelevar particularmente a preocupação constante de rodear os trabalhos de todas as cautelas, para que não descaíssem na tão usual — e tão lastimável — euforia das inovações. Com documentos à vista — a Santa Casa conserva um magnífico arquivo, que vem já do século XVI; prospectando, no próprio edifício, vestígios da primitiva feitura; apenas avivando e preservando cores

Continua na página três

A «Revista Illustrada», em seu número 33, de 20-VIII-1891, publicou a presente gravura, que mostra um expressivo ângulo da actual Praça da República e da antiga Rua Direita. Sempre aquela vasta quadra foi centro cívico da urbe —, e, por isso, ali viria a implantar-se o monumento a José Estêvão, que, na altura em que o desenho foi feito, começava a edificar-se ; mas também, e desde recuados e incertos tempos, foi centro religioso, com a sua matriz de S. Miguel e, posteriormente, com a igreja da Misericórdia — a qual se vê, à esquerda, ainda com a escadaria de acesso, que viria a desaparecer sob projecto de Korrodi

EMPIRISMO E CONSCIÊNCIA URBANA

DR. MÁRIO SACRAMENTO

SÓ teria a agradecer a sua intervenção, Amadeu de Sousa, se fosse legítimo agradecer o civismo. Ora este é dever de cada um para com todos. Discordando do meu ponto de vista, V. correspondeu, assim, ao que a todos pedi e peço: não busco uma claque, no mau sentido desportivo, regionalista ou político, mas um auditório de cidadãos responsáveis que dêem razão (crítica e esclarecida) a quem a tiver — seja eu ou outro. Se fosse «intromissão» o que fez (como diz), então para que andaria eu a gastar por aqui o meu pobre latim, em que até oitos tirei ao Dr. José Tavares?! Diálogo é desprendimento de vaidades e sectarismos, e, sobretudo, consciência clara e activa de que o mundo somos nós — todos nós! A sua discordância foi (e será sempre) benvinda, portanto.

Teria gosto, até, em dizer-lhe: errei. Seria um bom exemplo, pelo menos. Só não erra quem não erra. (Não é tautologia, como sabe: são sentidos diferentes do verbo *errar* — o que é transitivo e pressupõe erro, e o que é intransitivo e sinónimo de vaguear, viajar, discorrer). Tenho errado muito (nos dois significados) — e ai de mim se não errar ainda mais: o erro é consubstancial à vida! Alguém (que muito prezo) chamou-lhe, até, mãe da verdade, pois só ele pode dar esta à luz. (*Pode*, repare: não dá, necessàriamente. Para

Continua na página três

Campeonato Nacional da II Divisão

BEIRA-MAR, 1 — VALECAMBRENSE, 0

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Armando Paraty, auxiliado pelos srs. Fernando Salgado (bancada) e Aníbal Silva (peão) — todos da Comissão Distrital do Porto.

As equipas formaram deste modo:

BEIRA-MAR — Paulo; Bernardino, Marçal, Chaves e Marques; Abdul e Colorado; Amaral, Cleo, Sousa e Almeida.

VALECAMBRENSE — Carlos Alberto I; Vítor, Pinto da Rocha, Córó e Fernando; Julião e Silva; Acácio II, Grilo, Teixeira e Macedo.

●

Na turma de Aveiro, aos 72 m., Chaves saiu do rectângulo, indo Abdul para o seu posto e passando Amaral para a zona intermédia; entrou José Manuel, para extremo esquerdo, derivando Almeida para o lado direito.

No Valecambrense, aos 46 m., Carlos Alberto II surgiu no posto de Acácio II; e, aos 60 m., saiu Teixeira, entrando Acácio I.

●

O único golo do desafio foi marcado, aos 73 minutos. Almeida apontou um corner (na altura, o 13.º cedido pelos valecambrenses), no flanco direito; Bernardino, em fulgurante entrada de cabeça, atirou para a baliza, mas o brasileiro CLEO, igualmente em golpe de cabeça, desviou o esférico, colocando-o ao fundo das redes. Postados sobre a linha de baliza, o guardião e outros jogadores forasteiros, surpreendidos pela rapidez do lance, nada puderam fazer, desta vez...

●

Despertou certa curiosidade a apresentação em Aveiro da turma do Valecambrense, primeiro «algoz» do Beira-Mar na prova em curso, ganhando por 3-1 o jogo de estreia, com sensação posta em relevo oportunamente. Depois, porque a equipa de Vale de Cambra havia sido goleada em Famalicão, oito dias antes, esperava-se que o Beira-Mar conseguisse igualmente um triunfo expressivo...

O jogo foi caracterizado por autêntica avalanche de ataques beiramarenses, num domínio total, obsidiante, sobre todos os aspectos, embora o futebol produzido fosse de craveira mediana. O melhor sentido operacional dos aveirenses — tranquilos na defensiva, com o «miolo» do campo esclarecido (se bem que lento na execução, no lado de Abdul) e com ataque sempre em actividade — permitiu-lhes um constante domínio dos acontecimentos, de que derirou um assédio permanente ao último reduto dos forasteiros.

Os backs *auri-negros, com mais evidência para Marçal e Marques, viam-se frequentes vezes integrados na ofensiva, num sistema de rotação, em auxílio aos dianteiros...*

Mas a turma local viu-se e desejou-se para conseguir o triunfo, porque os avançados claudicaram na finalização, umas vezes por falta de pontaria, outras vezes por demora nos remates (permitindo a intervenção, afortunada ou opor-

Continua na página seis

REGISTO

Jogo em atraso:

GOUVEIA — FAMALICÃO . 1-0

Resultados da 14.ª jornada:

COVILHÃ — ESPINHO . . . 2-0
A. VISEU — LEÇA 2-1
FAMALICÃO — TIRSENSE . 2-2
BEIRA-MAR — VALECAMBR. 1-0
SALGUEIROS — GOUVEIA . 3-1
PENAFIEL — TRAMAGAL . . 1-0
T. NOVAS — BOAVISTA . . 2-2

Mapa de pontos:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Boavista	14	9	3	2	32-13	21
Famalicão	14	9	2	3	33-16	20
BEIRA-MAR	14	8	2	4	21-10	18
Salgueiros	14	7	2	5	27-13	16
Tirsense	14	6	4	4	19-13	16
A. Viseu	14	7	2	5	22-17	16
Penafiel	14	7	2	5	16-18	16
T. Novas	14	3	7	4	14-15	13
Gouveia	14	6	1	7	14-26	13
Tramagal	14	5	2	7	22-28	12
Espinho	14	4	3	7	17-25	11
Leça	14	5	1	8	17-26	11
Valecambren.	14	2	3	9	11-31	7
Covilhã	14	2	2	10	11-25	6

Jogos para amanhã:

BOAVISTA — COVILHÃ (2-1)
ESPINHO — A. VISEU (0-1)
LEÇA — FAMALICÃO (0-2)
TIRSENSE — BEIRA-MAR (0-2)
VALECAMBR. — SALGUEIROS (0-3)
GOUVEIA — PENAFIEL (0-0)
TRAMAGAL — T. NOVAS (2-3)

SUMÁRIO DISTRITAL

I DIVISÃO

Resultados da 11.ª jornada:

Cucujães — Recreio 0-1
Pejão — Arrifanense 2-2
Estarreja — Cesarense 5-1
Anadia — Esmoriz 3-0
Alba — Paivense 1-1
Paços de Brandão — Bustelo . . 1-0
S. João de Ver — Valonguense . 2-1
Oliveira do Bairro — Ovarense . 0-1

Classificação:

1.º — Ovarense (20-6), 27 pontos. 2.º — Anadia (24-8), 26: 3.º — Alba (24-9), 26. 4.º — S. João de Ver (18-11), 25. 5.º — Recreio de Águeda (14-9), 25. 6.º — Estarreja (16-11), 24. 7.º — Paços de Brandão (10-10), 24. 8.º — Esmoriz (12-12), 24. 9.º — Valonguense (13-15), 22. 10.º — Oliveira do Bairro (16-15), 20. 11.º — Paivense (11-13), 20. 12.º — Arrifanense (13-16), 20. 13.º — Bustelo (10-17), 20. 14.º — Pejão (15-30), 18. 15.º — Cesarense (9-25), 16. 16.º — Cucujães (8-26), 15.

RESERVAS

ZONA A

Resultados da 8.ª jornada:

Ovarense — Sanjoanense . . . 0-3
Espinho — Valecambrense . . . 2-3
Feirense — Oliveirense 1-2

Classificação:

1.º — Oliveirense (19-4), 19 pontos. 2.º — Sanjoanense (17-9), 16. 3.º — Espinho (18-12), 15. 4.ºs — Feirense (13-13) e Valecambrense (11-16), 14. 6.º — Ovarense (7-19), 10. 7.º — Lusitânia (4-16), 8. (O Lusitânia tem menos um jogo que todos os outros concorentes).

JUNIORES

Com os jogos da décima jornada, terminou ontem a fase de apuramento do torneio de juniores, ficando qualificados para a «poule» decisiva: Lusitânia, Sanjoanense, Ovarense e Recreio de Águeda.

Resultados gerais da última jornada:

ZONA A

Feirense — Paços de Brandão . . 1-1
Lusitânia — Lamas 2-0
Esmoriz — Espinho 1-1

ZONA B

Bustelo — Valecambrense . . . 1-0
Oliveirense — Arrifanense . . . 5-0
Cucujães — Sanjoanense 07

ZONA C

Alba — Ovarense 1-2
Beira-Mar — Vista-Alegre . . . 9-0
Avanca — Estarreja 2-0

ZONA D

Pampilhosa — Recreio 2-2
Mealhada — Anadia 2-1
Oliveira do Bairro — Valonguense 3-2

Continua na página seis

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 19 DO «TOTOBOLA»

12 de Janeiro de 1969

N.º	CLUBES	1	x	2
1	E. Portalegre — Guarda	1		
2	Ferroviários — Juventud.	1		
3	Marinhense — Portimon-		x	
4	Penafiel — Leões	1		
5	V. Gama — Sintrense	1		
6	Vianense — Celoricen.	1		
7	Fafe — Naval	1		
8	Nazarenos — Vila Real	1		
9	Atalanta — Verona		x	
10	Inter — Juventus	1		
11	Pisa — Florentina		x	
12	Torino Bolonha	1		
13	Varese — Milan			2

ANDEBOL DE 7

CAMPEONATOS DISTRITAIS DE AVEIRO

Na terceira jornada, apuraram-se os seguintes desfechos:

AT. VAREIRO — ESPINHO . . 16-17
BEIRA-MAR — SANJOANENSE 16-6

Classificação actual:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Beira-Mar	3	2	0	1	40-21	7
Espinho	3	2	0	1	45-46	7
At. Vareiro	2	1	0	1	25-24	4
Sanjoanense	2	1	0	1	24-31	4
Avanca	2	0	0	2	9-21	2

Jogos para esta noite:

ESPINHO — AVANCA
SANJOANENSE — AT. VAREIRO

Beira-Mar, 16
Sanjoanense, 6

Jogo no Pavilhão do Beira-Mar. Árbitros: Albano Pinto e Franklim Amaral. Os grupos alinharam deste modo:

Beira-Mar — *Aguiar (Mário), Gamelas 5, Lé 2, Mané, Fernando 1, Loura 3, Neves 3, Matos 1, Amaral 1, Varelas e Veiga.*

Sanjoanense — *Veloso I (Lopes), Crespo 1, Carlos Alberto 4, Veloso II, Barata I, Augusto 1, Barata II, Lagoa, Coelho, Castanholo e Lau.*

Partida disputada com muita virilidade, sobretudo por parte dos sanjoanenses, que se mostraram bastante rudes, talvez em excesso — ante a complacência dos árbitros.

Os beiramarenses, com melhor sentido de perfuração e maior poder de remate, foram justos vencedores. Ao intervalo, a marcação (que sempre lhes foi favorável) ia em 6-2.

Arbitragem aceitável, tècnicamente, mas fraca do ponto de vista disciplinar, com prejuízo para o jogo-espectáculo.

Uma ocorrência desagradável: logo de entrada, justamente no lance que terminou no primeiro golo do Beira-Mar, apontado por Matos, Veloso II ficou magoado, e gravemente, por ter caído mal no recinto. Transportado ao Hospital, verificou-se que sofrera fratura do crânio.

JUNIORES

Na jornada inaugural, apenas um jogo, com o seguinte resultado:

BEIRA-MAR — SANJOANENSE . 20-5

Continua na página seis

Basquetebol

I DIVISÃO

Confirmando as previsões aqui faitas, na semana finda, os dois grupos visitados venceram os respectivos jogos, em que se apuraram estes *scores:*

GALITOS — SANJOANENSE . 62-43
ILLIABUM — SANGALHOS . . 41-25

Classificação geral:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Illiabum	8	5	3	325-271	18
Galitos	8	5	3	321-302	18
Esgueira	8	4	4	307-283	16
Sangalhos	8	3	5	257-274	14
Sanjoanense	8	3	5	273-353	14

Logo que a classificação acima indicada seja homologada — e a A. B. de Aveiro tem o assunto pendente, até que saiba a resolução do protesto dos bairradinos, relativamente ao jogo Galitos — Sangalhos, da primeira volta... —, se saberá se é ou não necessário disputar uma finalíssima entre as turmas empatadas no primeiro lugar, para atribuição do título. Até lá, a questão fica em suspenso...

Galitos, 62
Sanjoanense, 43

Jogo no Rinque do Parque. Árbitros: Carlos Neiva e Manuel Bastos. Alinharam e marcaram:

Galitos — Leitão 0-6, Vitor 9-0, José Luís Pinho 6-2, Antunes 12-4, Cotrim 8-9, Pires 0-2, Bio, José Luís Naia 0-4, Teles e Vale.

Sanjoanense — Pinho, Moutinho 2-9, Ramalhosa 2-6, Margalho 7-4, Carlos Alberto 3-6, Leonel, Pires 0-4, Nuno e Fernandes.

1.ª parte: 35-14. 2.ª parte: 27-29.

Até ao intervalo, com exibição de alto nível, como nos seus «bons tempos», o Galitos decidiu a sorte do encontro: após ligeiros momentos de equilíbrio (6-6 e 16-12), os alvi-rubros embalaram de forma irresistível, sucessivamente para 25-12, 25-14 e 35-14.

Na etapa complementar, o Galitos chegou ao avanço de 52-21; permitiu, depois, que os forasteiros se aproximassem (54-40, à entrada dos cinco minutos finais), mas voltou a marcar vantagem, nítida, nos instantes derradeiros.

Arbitragem sem problemas.

FEMININO

Porque se registara igualdade pontual entre Galitos e Illiabum, no segundo lugar, as duas equipas tiveram de realizar um jogo de desempate, para apuramento da segunda turma da A. B. de Aveiro no Nacional da I Divisão.

O encontro efectuou-se em S. João da Madeira, na tarde do

CAMPEONATOS DISTRITAIS DE AVEIRO

último domingo, tendo o Galitos vencido por 23-18.

Assim, teremos mais uma vez a representação aveirense confiada às basquetebolistas da Sanjoanense e do Galitos.

JUNIORES

Resultados da 14.ª jornada:

SANGALHOS — ILLIABUM . . 31-34
BEIRA-MAR — SANJOANENSE . 17-36

Mapa de pontos:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Galitos	10	9	1	608-225	28
Esgueira	10	8	2	381-237	26
Illiabum	10	6	4	366-286	22
Sangalhos	9	4	5	314-278	17
Sanjoanense	9	2	7	220-375	13
Beira-Mar	10	0	10	133-610	10

Para completar a prova, falta realizar o jogo Sanjoanense—Sangalhos. Todavia, a questão do título não está decidida, por não ter

Continua na página seis

DES POR TOS

Secção dirigida por

António Leopoldo

CAMPEONATOS NACIONAIS

II DIVISÃO — NORTE

A Federação Portuguesa de Basquetebol, como era de elementar justiça, atendeu as reclamações que o Clube dos Galitos e o Clube do Povo de Esgueira fizeram, sobre a marcação dos desafios que tinham de disputar, na qualidade de visitados, para o Pavilhão de Ílhavo.

Assim, o Galitos jogará no Rinque do Parque e o Esgueira utilizará o Campo da Alameda, na prova que tem início marcado para esta noite, e prosseguirá amanhã, de tarde. Será este, aliás, o sistema que vigorará esta temporada...

Indicamos, a seguir, o programa previsto para este fim-de-semana:

HOJE, SABADO

Série A

GAIA — CALDAS
GALITOS — FLUVIAL
NAVAL — ACADÉMICO
ILLIABUM — FIGUEIRENSE

Série B

LEÇA — SANJOANENSE
SANGALHOS — GINÁSIO
ESGUEIRA — OLIVAIS
INVICTA — C. D. U. P.

AMANHÃ, DOMINGO

Série A

FLUVIAL — NAVAL
ACADÉMICO — GALITOS
ILLIABUM — CALDAS
FIGUEIRENSE — GAIA

Série B

OLIVAIS — SANGALHOS
GINÁSIO — ESGUEIRA
C. D. U. P. — LEÇA
SANJOANENSE — INVICTA

I DIVISÃO — FEMININO

(ZONA NORTE)

Na sede da Federação Portuguesa de Basquetebol realizou-se o sorteio dos jogos relativos ao Campeonato Nacional Feminino — I Divisão, que, na Zona Norte, terá a presença de equipas de Aveiro (Sanjoanense e Galitos), Coimbra (Académica, actual campeã nacional) e Porto (C. D. U. P., Académico e F. C. do Porto).

A prova principia no próximo dia 12, defrontando-se, na ronda de abertura:

ACADÉMICO — SANJOANENSE
C. D. U. P. — F. C. PORTO
GALITOS — ACADÉMICA

Como, pela letra dos regulamentos, esta competição tem de se disputar em recintos cobertos, os jogos do Galitos realizam-se no Pavilhão de Ílhavo, já que continua a ser impossível efectuá-los nesta cidade...

Empirismo e Consciência Urbana

Continuação da primeira página

que dê, é preciso fecundá-lo, incubá-lo, parturejá-lo. Dar-lhe os açoites que fazem vagir os nascituros !)

Mas acontece que não vim à praça pública sem me ter documentado, como é óbvio. E o nosso desencontro resultou (apenas) de serem diferentes os sistemas métricos (digamos assim) que cada um de nós usou. Com efeito, a palavra AVEIRO figura, neles, com extensão diversa. Para o meu Amigo, é a *suburbe* o que importa; para mim, é a *zona urbana*, em sentido que já veremos.

Se reler o meu artigo *Empirismo e Consciência Regional*, logo notará que a referência a «nível de urbanização» tem um sentido específico: o que os economistas e sociólogos adoptaram e é (há anos) perfilhado pelo próprio Instituto Nacional de Estatística, de acordo, aliás, com as Câmaras Municipais, pois todos os *Anuários Demográficos* inserem a seguinte nota, na página referente aos «centros populacionais» (com *5.000* e mais habitantes): *«a área utilizada para a determinação da população dos centros populacionais nos censos, foi a indicada pelas Câmaras Municipais»*. Para aquele, zona urbana ou centro urbano não é um espaço geográfico apenas, a que bastaria contar as cabeças dispersas quando quiséssemos elaborar uma estatística demográfica. Como compreende, se anexarmos ao sentido de cidade toda a zona rural que a cerca (e note, já agora, que no próprio coração de Aveiro se vê um rebanho a tosar as «pradarias» que flanqueiam o Mercado Municipal...), obteremos números falsos quanto ao seu desenvolvimento próprio. Cidade e campo serão inextricáveis, nesse caso, — e evitar isso é fundamental para a boa condução da tecnologia económica e da política social modernas. Faço notar, para total esclarecimento, que, havendo *19* concelhos no distrito de Aveiro, só *6* são considerados «centros populacionais». E que o baixo padrão de *5.000* habitantes (e não de *10.000*, como noutros países) foi a maneira que se encontrou de evitar a exclusão deles de... algumas capitais de distrito !

Bem sei, como diz, que a população *flutuante* de Aveiro-cidade é hoje enorme, relativamente aos números indicados: o sector económico terciário (o dos serviços) tem na capital do distrito uma presença de primeira plana. Mas, quantos dos nossos funcionários administrativos e bancários, quantos dos nossos professores dos vários graus de ensino, quantos dos nossos empregados de escritório não residem fora da cidade e seu concelho? São inúmeros, como sabe, e isso significa que Aveiro não tem correspondido (como urbe, sobretudo, mas como suburbe, também) às exigências do seu próprio desenvolvimento. Daí que a população *residente* (e foi essa que referi, como verificará se reler) apresente baixos índices de urbanização. Discordando, como V., do que eu escrevi, alguém me chamou a atenção, dias depois de sair o artigo citado, para o arranha-céus da Previdência, em que irão trabalhar (acrescentou) uns quatrocentos funcionários corporativos. Só que não me soube dizer...onde é que eles irão residir! Se o seu destino é Ílhavo e seu concelho, por exemplo, como já acontece a tantos outros, não será desse modo que Aveiro se valorizará como centro urbano, no sentido já esclarecido. Confinar-se-á cada vez mais, como eu disse, a Terreiro do Paço de Entre-Porto-e-Coimbra.

É certo que esta explosão demográfica urbana tem o seu (mau) paradigma, digamos assim, no desenvolvimento que Lisboa tem originado em parte do distrito de Setúbal. Aos *3,1%* e *7,48%* de «nível de urbanização» que apontei para Aveiro e Braga, respectivamente, e aos *7,7%* e *9,8%* que correspondem aos dois distritos, cabe a Setúbal *36,4%* e a Lisboa *66,7%*. Tal crise habitacional já deu origem a que se chamasse, à parte do distrito de Setúbal assim beneficiada, «dormitório de Lisboa», uma vez que só lá vão passar a noite, saindo alta madrugada, os milhares de pessoas que aí residem e trabalham na Capital. Esse extravasamento é consequência da macrocefalia de Lisboa. O caso de Aveiro, porém, é de microcefalia, como tentei mostrar, ou seja, de subdesenvolvimento urbano, originado sobretudo por óbices administrativos.

Ou ignora o meu Amigo que muita gente tem ido construir fora de Aveiro, por não poder fazê-lo cá? Quantos milhares de contos e dezenas ou centos de habitações «emigraram» desse modo ?

Como sabe, Lisboa está cortada, em muitos pontos, por linhas de caminho de ferro e isso nunca foi obstáculo ao seu desenvolvimento. Não colhe, portanto, o argumento de que as cancelas ferroviárias sejam um espartilho para Aveiro. Aliás, já ouvi extrapolar essa falsa razão para a... Derivante! Se a cura dum mal engendra o mesmo mal, tal círculo vicioso é peregrino... Pois que será a Variante, se houver iniciativa e bom senso, senão a futura coluna vertebral de Aveiro, tanto mais necessária quanto o tráfego *a latere* condena as povoações (como vemos, hoje, em Alcobaça ou nas Caldas) ao esquecimento? Não, meu caro Amadeu de Sousa, Aveiro subestima-se como AVEIRO porque perdeu o querer ! E eu considero-me tão dela como o meu Amigo, embora tivesse nascido nas suas faldas apenas. É por amor de umas e de outra que falo. O que não vejo ser de todo inútil, já que homens de bem como V. e outros discutem o que digo. Muito obrigado a todos.

MARIO SACRAMENTO

P. S. — Se quiser familiarizar-se com o problema urbanismo-ruralismo, que só pela rama abordei, permita-me que lhe sugira, como primeira leitura, o livro de A. Sedas Nunes Sociologia e Ideologia do Desenvolvimento (Moraes Editores), do qual transcrevo, a título de aperitivo (p. 278): «Em Portugal nem sequer se apercebeu ainda (ou só raros se deram já conta dela) a importância decisiva, nuclear, pròpriamente vital, que os problemas urbanísticos adquirem numa sociedade em desenvolvimento. [...] Atacar agora, desde já e frontalmente, os problemas do urbanismo em Portugal não seria ainda atacá-los tarde de mais. (...) Se não se acode a instalar vigor novo e impulso nas pequenas e médias cidades do Continente, que poderão ainda servir de centros dinamizadores regionais, corre-se o risco de assistir ao seu incontido declínio. [...] No limite, poderíamos ter — e, em não poucos aspectos, já vamos tendo — Lisboa, o Porto e o deserto português». A edição é do ano passado. (Ia a escrever «deste ano», mas vi, a tempo, que este artigo só vai sair... para o ano que vem. Já agora, aproveito: boas entradas — para si e para... Aveiro !)

Para não atropelar o discorrer do texto, reservei para este apenso o seguinte apontamento: se aceitarmos como unidade-métrica o concelho, o cotejo não é mais favorável a Aveiro. Consulte o volume Estatísticas Demográficas, do I. N. E., relativo a 1967 (e publicado em Maio de 1968 — logo, o último em data) e verá, à pág. LVII, que Aveiro-concelho e Braga-concelho tinham, em 1960, 46 544 e 94 509 habitantes, respectivamente, sendo os números relativos aos concelhos de Vila da Feira e Oliveira de Azeméis (ambos do nosso distrito, recordo) de 83 072 e 46 086 — o primeiro quase duplo do de Aveiro e o segundo seu equivalente. Também com este padrão a microcefalia distrital é evidente, portanto! Mas, só lhe referi este volume de 1968, porque pode encontrar nele, não apenas elementos já anteriormente conhecidos, como esses, mas a actualização de outros. As taxas de excedentes de vida (ou seja, a relação entre nascimentos e óbitos) apresentam, no distrito, este declínio ininterrupto, nos últimos anos: 1964 — 17,02; 1965 — 15,80; 1966 — 15,25; 1967 — 15,18. (Pág. LXXXII). Quanto a emigrantes (legais...), o seu número foi, em 1967, de 6 218, contra 193 retornados. (Pág. 4). Parece-lhe animador, isto ?

M. S.

D. Manuel Trindade Salgueiro

Continuação da primeira página

Findo o piedoso acto, todos se dirigiram para a praça do Município, repleta já de pessoas de todas as categorias sociais, bandas de música, estandartes e componentes das mais diversas colectividades, conjuntos folclóricos, crianças das escolas, pescadores ladeando a sua bandeira. Em duas tribunas, tomaram assento os convidados de honra, a Imprensa e as entidades locais. Pouco depois, o senhor Almirante Américo Tomás aproximou-se do monumento, descerrou-o — e logo avultou, no bronze de Leopoldo de Almeida, a figura de D. Manuel Trindade Salgueiro.

Cessados os aplausos, o estrondear dos foguetes e os acordes das bandas de música, o Presidente do Município de Ílhavo, sr. Dr. Amadeu Cachim, proferiu expressivo discurso de saudação às ilustres individualidades que quiseram assistir em pessoa à homenagem ao grande «Bispo da Gente do Mar», filho de Ílhavo, que ali viveu as alegrias e tristezas de quantos têm alguém embarcado, como ele teve seu pai, morto num naufrágio. «D. Manuel — disse — não era apenas o Bispo : era o pai e era o amigo, que a todos acalentava com o calor da sua palavra, a todos socorria com o prestígio da sua pessoa, a todos aconselhava com o fulgor da sua inteligência e com a ternura dum grande coração».

Falou seguidamente o sr. Almirante Henrique Tenreiro, que, em dado momento, afirmou : D. Manuel, «convidado todos os anos a abençoar a frota bacalhoeira, desde 1941, data da sua elevação ao episcopado, só quatro vezes, nesse longo período, não o tivemos connosco na cerimónia a que dedicava um carinho muito especial. Sentia-se profundamente feliz nesse contacto com os tripulantes e pescadores dos navios bacalhoeiros, a quem dirigia palavras de conforto e de incitamento, sempre que se iniciava uma campanha nos mares longínquos da Terra Nova e Gronelândia». E a terminar : «Apagou-se uma luz de cintilante brilho. A Igreja perdeu um dos seus grandes apóstolos ; Évora o seu chorado arcebispo ; Ílhavo o seu amado filho ; Portugal um notável cidadão ; e nós, homens do mar, também perdemos um verdadeiro e sincero amigo».

Concluídas as cerimónias da inauguração do monumento, a comitiva presidencial seguiu para o Centro que tem o nome do homenageado, para tomar parte num almoço íntimo. Ali foi entregue ao senhor Almirante Américo Tomás a «Medalha de Ouro do Município de Ílhavo», galardão recentemente instituído e pela primeira vez outorgado; e, ao sr. Almirante Henrique Tenreiro, uma placa com o símbolo municipal, em reconhecimento pelas atenções dispensadas à vila e suas gentes marítimas.

O Governador Civil de Aveiro, aos brindes, saudou, em eloquente improviso, os distintos convivas, particularmente o Chefe do Estado, sua esposa, o Cardeal-Patriarca e Bispos, os Ministros e demais altas individualidades presentes.

O senhor Almirante Américo Tomás, no seu discurso de agradecimento pelo galardão que, aliás justissimamente, ali lhe fora conferido, afirmou com referência a D. Manuel Trindade Salgueiro: «Eu vim aqui, hoje, não para ser homenageado, mas para homenagear a memória de alguém que foi um português ilustre, um homem excepcional, todo ele coração, todo ele inteligência, todo ele espírito de curiosidade, mas de sã curiosidade. Esse homem excepcional, que foi um grande amigo: sendo mais novo do que eu, era por mim considerado irmão mais velho. Esta é uma das homenagens que lhe quero prestar /.../. A sua morte encheu-me de tristeza /.../. Vindo aqui, cumpri apenas um dever, dever de consciência. Foi o amigo que veio, mas também o chefe do Estado. Homenagear um português, como D. Manuel Trindade Salgueiro, só honra o chefe do Estado que assim faz».

Finda a refeição, o senhor Presidente da República, os Ministros e o sr. Dr. Azeredo Perdigão, Presidente da Gulbenkian, além de outras destacadas personalidades, visitaram as actuais instalações do Museu de Ílhavo, onde tão precàriamente se guardam interessantíssimos espécimes etnográficos e artísticos, particularmente ligados à vida e fainas marítimas. Intenta-se construir condigno edifício — e confiadamente se conta com a sempre compreensiva (tantas vezes imprescindível) ajuda da Fundação Calouste Gulbenkian.

Igreja da Misericórdia

Continuação da primeira página

antigas e pedras de origem; rejeitando o apócrifo sem justificação e mantendo toda a aceitável complementária que adveio ao longo dos tempos por imperativos do culto — a igreja da Misericórdia encontra-se **restituída** mais do que restaurada. É evidente que, destinando-se, não a mera arquitectura para estudo de eruditos e regalo dos olhos, mas a templo para as práticas religiosas, as vigentes exigências culturais obrigaram a inevitáveis adaptações. Não obstante, a sacra destinação do edifício não lhe prejudicou a estrutura, na medida em que foram aproveitadas, em arranjo conveniente, todas as peças de merecimento, com sua respeitável velhice e era identificadora. Mais do que isso: cada elemento novo ficou datado, salvaguardando-se, assim, a cronologia dos arranjos.

Há, ainda, algumas falhas; alguns erros mesmo — e já alguns se patentearam no decurso dos trabalhos. Sòmente que, falhas e erros reparáveis — e que serão reparados, estamos certos. Importante é que nada se estragou, nada se destruiu. Mais falhas e mais erros poderão notar-se quando do seguimento das obras nos anexos da igreja; mas, continuando-se nos mesmos critérios de prudência, o excelente conjunto alcançará a dignidade que a Mesa da Santa Casa porfia em imprimir-lhe — objectivo que, para satisfação dos Aveirenses, esperamos e desejamos que venha a ser plenamente alcançado.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	NETO
Domingo	MOURA
2.ª feira	CENTRAL
3.ª feira	MODERNA
4.ª feira	ALA
5.ª feira	M. CALADO
6.ª feira	AVENIDA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

A CIDADE

PELA CÂMARA MUNICIPAL

● Foi deliberado exarar na acta os seguintes votos: 1.º — «Um voto de reconhecimento e agradecimento a Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, por se ter deslocado a esta cidade e à Câmara Municipal, a fim de estudar a resolução de problemas escolares com as respectivas autoridades locais e de cuja satisfação resultará manifesto benefício para a região aveirense»; 2.º — «Um voto de congratulação pelo facto de se ter realizado recentemente nesta cidade, o III Colóquio Regional de Aperfeiçoamento Profissional, organizado pelo Sindicato Nacional dos Farmacêuticos e levado a efeito pela Comissão Coordenadora das Actividades Culturais»; e 3.º — «Um voto de pesar pelo falecimento do sr. Amadeu Ala dos Reis, que foi muito ilustre Vereador da Câmara Municipal, expressando os pêsames aos seus familiares».

● Foi deliberado solicitar superiormente a comparticipação respeitante à primeira fase de «Instalação de iluminação pública na zona Central de Aveiro» ou seja, a iluminação circundante do Edifício Municipal e Comercial, cujos trabalhos estão orçados em 371 364$00.

● Foi aprovado, para efeito de pagamento à firma empreiteira da obra da «Rede de Esgotos de Águas Pluviais da Cidade de Aveiro — Centro de Esgueira», um auto de medição de trabalhos, na importância de 113 537$30.

● Foi autorizado um pedido de concessão de licença de habitabilidade de um prédio sito na cidade.

● Foi aprovado para efeito de pagamento à firma empreiteira da obra de «Construção do edifício destinado à Repartição de Finanças, Tesouraria da Fazenda Pública e outros», um auto de medição de trabalhos, 3.ª situação (sanitários), na importância de 37 251$60.

● Foi deliberado adquirir um terreno lavradio, com a área de 865 metros quadrados, sito no Monte de Sarrazola, pela importância de 62 975$00.

● Foram deferidos 5 pedidos de concessão de licenças de habitabilidade respeitantes a prédios novos sitos na área do concelho.

VISITAS DO CHEFE DO DISTRITO

● No dia 26 do mês findo, esteve no Comando de Aveiro da P. S. P., em visita oficial, o Governador Civil, sr. Dr. Francisco do Vale Guimarães. Prestou continência ao distinto visitante uma companhia a dois pelotões, constituída por elementos do corpo activo, sob comando do Comissário sr. Isaías Augusto Coelho.

Depois de passar revista à formatura, o Chefe do Distrito recebeu cumprimentos no gabinete do ilustre Comandante. Dirigiu-se em seguida à sala de aulas onde o sr. Capitão Amílcar Ferreira apresentou o corpo activo, ao qual o sr. Dr. Vale Guimarães dirigiu palavras de merecido louvor e simpatia. Depois, visitou as diversas dependências do aquartelamento, tendo ficado com as mais lisonjeiras impressões, pela ordem, asseio e funcionalismo das mesmas.

● Seguidamente, o sr. Governador Civil visitou o Albergue Distrital.

Foi ali recebido pela Comissão Administrativa e pelos Rev.os Padres Almeida, assistente espiritual, e Félix, pároco de S. Bernardo, e ainda pelo devotado médico da P. S. P., sr. Dr. Humberto Leitão.

O sr. Eng.º Cunha Amaral, digno e competente Director da Urbanização, apresentou ali, ao sr. Dr. Vale Guimarães, o projecto para remodelação e ampliação das instalações, cujos trabalhos, já em curso, mereceram particular interesse ao sr. Governador Civil.

O sr. Dr. Vale Guimarães evocou, sentidamente, a inauguração do Albergue, cuja vida sempre seguiu com empenho, desde o seu primeiro mandato como Chefe do Distrito de Aveiro.

«DIA NACIONAL DO EMIGRANTE»

Amanhã, data em que a Igreja celebra a Festa da Sagrada Família, vai realizar-se em Portugal o «Dia Nacional do Emigrante», instituído pelo Papa Paulo VI que, ao criá-lo, pretendeu dar a esta comemoração anual um específico significado, que podemos resumir desde modo:

1 — Lembrar a solicitude da Igreja, através dos tempos, para com os emigrantes. 2 — Chamar a atenção de todos — em particular dos católicos — para a sua responsabilidade para com os seus irmãos emigrados, lembrando-lhes o dever cristão e humano da caridade para aqueles que, por carência de meios materiais de subsistência, se vêem obrigados a deixar os seus lares. 3 — Alertar os próprios emigrantes dos perigos morais, sociais e religiosos da migração moderna, para que possam enfrentar os problemas do meio onde vão trabalhar sem prejuízo para a sua fé. 4 — Propagar e promover entre todos a sua responsabilidade nos complexos problemas da emigração e unir toda a família universal no espírito de oração e caridade.

CURSO DE PREPARAÇÃO PARA O MATRIMÓNIO

Principia na próxima quarta-feira, dia 8, às 21 horas, um novo Curso de Preparação para o Matrimónio, que será orientado por equipas de casais (entre elas um casal médico).

O Curso realiza-se na Casa de Santa Zita, podendo tomar parte nele os noivos que tencionam casar no ano corrente e os casais que contrairam o seu matrimónio há menos de dois anos.

FESTAS DA QUADRA

— ORGANIZAÇÕES ABEL SANTIAGO

Na tarde de 15 de Dezembro último, e como nestas colunas anunciámos, as ORGANIZAÇÕES ABEL SANTIAGO — «Arla», «Casa das Utilidades», «Feliz Lar» e «Armazéns Abel Santiago» — promoveram uma festa natalícia dedicada aos filhos dos empregados daquelas casas, as primeiras (no género) que em Aveiro organizaram semelhante comemoração.

A festa, subordinada ao título «É NATAL PARA OS NOSSOS FILHOS», realizou-se no salão nobre dos «Bombeiros Novos», em organização da «Arla», que ali montou um presépio e uma Árvore de Natal. Houve um acto de variedade, apresentado pela sr.ª D. Maria Manuela Falcão e pelo sr. José Francisco de Oliveira Naia, em que intervieram doze pequeninos artistas, todos filhos de funcionários da casa; em seguida, o Pai Natal distribuiu brinquedos a cerca de meia centena de petizes; e, por último, confraternizaram perto de duzentas pessoas, no decurso de uma merenda.

— FÁBRICA CAMPOS

No penúltimo sábado, as Fábricas Jerónimo Pereira Campos ofereceram um almoço a todos os seus empregados e operários, encontrando-se presentes delegações das sucursais de Alvarães e Meadela e diversos convidados.

Aos brindes, falou em primeiro lugar o sr. Joaquim Adriano Campos Amorim, Administrador-Delegado. Saudou e agradeceu a presença dos convidados; afirmou que aquele almoço, com o qual a empresa pretendia assinalar a quadra natalícia, era mais um sinal do ressurgimento das Fábricas Campos; anunciou pensões de reforma e maiores benefícios, referindo que em 1968 se atingira a verba de 880 700$00 nos benefícios concedidos; e concluiu desejando um Feliz Natal a todos os colaboradores.

O Subdelegado do I. N. T. P., sr. Dr. Manuel Inocêncio Cabral, que presidiu ao almoço, usou em seguida da palavra, manifestando o seu contentamento pelos sentimentos de unidade ali evidenciados, na certeza de que esses mesmos laços de fraternal e salutar convivência existiam no trabalho diário, entre dirigentes e dirigidos.

Por último, discursou o Administrador sr. Joaquim Neves Martins, que apelou para um mais profundo espírito de colaboração entre todos, em ordem à maior prosperidade da empresa.

Foram distribuídos, em seguida, diplomas aos operários que frequentaram, com aproveitamento, o Curso de Adultos.

— AGÊNCIA COMERCIAL RIA

No penúltimo sábado, dia 21 de Dezembro, realizou-se, no salão nobre do Grémio do Comércio de Aveiro, uma festa de Natal dedicada aos filhos dos colaboradores da Agência Comercial Ria, promovida pela Comissão organizadora do Grupo do Pessoal desta firma.

Usaram da palavra o sr. Eng.º Carlos Gamelas Gomes Teixeira, Presidente do Conselho de Gerência da A. C. Ria e, pela comissão organizadora, o sr. António Coelho e Silva.

Encerrou esta primeira parte o Delegado do I. N. T. P., sr. Dr. Corte Real Amaral, que, muito gentilmente, quis estar presente a esta reunião.

Seguidamente teve lugar uma projecção filmada, terminando a singela festa com uma distribuição de brinquedos às 57 crianças presentes.

— CELULOSE

No Teatro Aveirense, em 21 de Dezembro, efectuou-se a já tradicional festa dedicada, nesta quadra, aos filhos dos empregados e funcionários da Companhia Portuguesa de Celulose. Presentes, ainda, representações do pessoal da Sede, de Lisboa, e da «Socel» de Setúbal.

Houve duas sessões, apresentando-se um Coro Infantil, sob regência do Rev.º Padre Manuel António Carvalhais, Pároco de Cacia; exibiram-se, depois, os palhaços do Trio «Los Carlys»; e foi ainda representada a peça infantil em um acto «Joanão e Joaninha», expressamente escrita por Bartolomeu Conde e interpretada pelo Grupo Cénico do C. A. T. da Celulose.

Na primeira sessão, estiveram presentes o Presidente do Conselho de Administração da empresa, sr. Eng.º Eduardo Rodrigues de Carvalho, e diversos convidados, entre eles: o Bispo de Aveiro, sr. D. Manuel de Almeida Trindade; o Delegado do I. N. T. P., o Presidente da Caixa de Previdência e o Chefe da Missão de Acção Social, respectivamente srs. Dr. Corte Real Amaral, Dr. Cunha Pimentel e Dr. Rocha Cabral.

O Chefe dos Serviços de Pessoal da Celulose, sr. Dr. João de Almeida, proferiu palavras de cumprimento e agradecimento pela sua presença àquelas entidades, apresentando, também, os dois espectáculos.

— SACOR

No salão de festas do Seminário de Santa Joana Princesa, efectuou-se, também na tarde do penúltimo sábado, a anunciada festa de Natal que a Administração da «Sacor» dedicou aos filhos dos empregados do seu Parque de Aveiro.

A reunião decorreu com muita alegria. Após um acto de variedades, houve distribuição de brinquedos e uma merenda.

— METALURGIA CASAL

No passado dia 22 de Dezembro, realizou-se, como fora anunciado, uma festa dedicada aos filhos do pessoal da Metalurgia Casal, SARL.

Depois da exibição de um conjunto musical e de um grupo de palhaços, a Administração da empresa distribuiu brinquedos e guloseimas, que fizeram as delícias da petizada.

No dia seguinte, realizou-se um almoço de confraternização do pessoal, sendo então apresentado o novo Director Técnico, srs. Eng.º Pregitzer. Usaram da palavra o Presidente do Conselho de Administração, sr. João Casal, o novo Director e o cessante, sr. Robert Zipprich, que, no final, foi alvo de uma calorosa manifestação de simpatia. O sr. Zipprich continuará a exercer as suas funções de Administrador da empresa e como conselheiro técnico.

Aspecto da festa das Organizações Abel Santiago — É Natal para os nossos Filhos

Encerrou o Arcada

Continuação da última página

vel cantinho, até ao Amadeu Reis, que por pouco de uma semana deixou de assistir ao extinguir das luzes e ao fechar definitivo das portas do «café» de que era um dos mais fiéis frequentadores.

Seria uma longa série de nomes se quiséssemos relembrar os «habitués» com representação e verdadeiro significado no meio social aveirense que ali, nos últimos quarenta anos, em tertúlia ou encontros menos regulares e numerosos, por ali passaram largas horas da sua vida, ou aqueles que apenas em curtos períodos de férias, como o eminente cientista Egas Moniz, lá procuravam alguma hora de convívio.

Nesse café, agora encerrado, se viveram intensamente os grandes momentos da cidade, e os mais relevantes acontecimentos nacionais e internacionais, apaixonadamente se discutiram os casos do desporto. Aí nasceram negócios, brotaram iniciativas, com repercussão na vida e no progresso citadinos, se viveram sonhos e desilusões.

O aspecto da cidade, como se tivesse sofrido uma parcial paralisia, ou uma amputação ressentiu-se flagrantemente. Passara-se, há poucos anos, por um transe idêntico, e por idêntica causa. Já, então, os efeitos foram de manifesto prejuízo para a fisionomia da urbe em progresso. Neste caso, porque se tratava de um «café» mais fundamente enraizado e identificado com o que poderia chamar-se a estreme aveirofilia, esta «morte», foi mais sentida, causou evidente consternação.

Com o seu desaparecimento, quase que pràticamente morrem os «Arcos» — os velhos «Balcões» que remontam ao século de quinhentos e desde então constituíram sempre o predilecto centro de reunião de gente grada. E Aveiro, não há dúvida, com esta perda, embora lá se instale um banco, com todo o seu poder financeiro, não só se incaracterizou, numa das suas capitais e típicas parcelas, mas empobreceu.

Muitos dos frequentadores do finado «Arcada», assistiram, fidelissimamente, aos seus últimos momentos. E, cônscio do que ele representava na existência citadina, não se dispensaram de ficar com uma recordação do inolvidável finado. Esgotaram-se as chávenas, com o nome do Arcada, a lembrança que todos reclamavam na despedida.»

PELA P. S. P.

● Depois de cinco dias de estágio no Comando da P. S. P. de Aveiro, seguiu, no dia 23 do mês findo, para Lisboa o sr. Capitão Orlando José do Espírito-Santo Ramos, a fim de exercer funções na Escola Prática de Polícia.

● O sr. Capitão Amílcar Ferreira, distinto Comandante Distrital da P. S. P. de Aveiro, partiu anteontem, 2, para o Centro de Alistados da P. S. P. nas Caldas da Raínha, a fim de dirigir a respectiva escola, durante o período de instrução dos novos alistados.

CURSO BÍBLICO

Orientado pelo Rev.º Padre Arménio Alves da Costa, Pároco da Glória, vai principiar na próxima semana, no salão de festas da Casa de Santa Zita, um Curso Bíblico, que tem por principal objectivo proporcionar um melhor conhecimento das Escrituras.

Haverá, a partir do dia 7, duas sessões por semana, às terças e sextas-feiras, cada uma com duas lições: uma às 21.30 horas; outra às 22.20 horas.

ZÉ PENICHEIRO EXPÕE EM COIMBRA

Hoje, pelas 15 horas, na Delegação de Coimbra de «O Primeiro de Janeiro», inaugura-se uma exposição de pintura (*portrait-charge*) e desenho do Artista Zé Penicheiro, apreciado e distinto colaborador do *Litoral*.

O certame, a que não será ousado augurar os melhores triunfos, estará patente ao público até 13 do corrente, todos os dias, das 15 às 20 horas.

FOI ANTECIPADO O CORTEJO DE OFERENDAS DE ARADAS

Fomos informados de que o cortejo de oferendas que se marcara para o próximo dia 19, em Aradas, foi antecipado para 12 do corrente mês.

Como se noticiou, este cortejo de «pastorinhas» é organizado pela Comissão de Culto de Aradas, com o fim de angariar fundos destinados à construção da nova capela daquele lugar.

BANGAR — Sociedade Comercial Têxtil, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

SEGUNDO CARTÓRIO

Certifico que por escritura de 26 de Dezembro de 1968, inserta de fls. 17 a 20 do livro C-5, deste cartório, foi constituída entre Cândido da Silva Barros, Leonel Seabra de Sousa e Arnaldo Carlos dos Santos, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada nos termos seguintes:

Art.º 1.º — A sociedade adopta a designação «BANGAR — Sociedade Comercial Têxtil, Limitada», tem a sede na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, número duzentos sessenta e seis, em Aveiro (freguesia de Vera-Cruz) e durará por tempo indeterminado, a contar de 1 de Janeiro de 1969. O estabelecimento principal será no local da sede; mas a sociedade poderá vir a abrir filiais ou sucursais em qualquer parte do País.

Art.º 2.º — O objecto social consiste na indústria e comércio de confecções e têxteis, designadamente por importação e exportação, e em representações, mas poderá alargar-se a qualquer outro ramo de actividade mediante deliberação unânime dos sócios.

Art.º 3.º — O capital da sociedade é de 600 contos, representado por três quotas iguais, já inteiramente realizadas em dinheiro, subscritas uma por cada um dos sócios, Cândido da Silva Barros, Leonel Seabra de Sousa e Arnaldo Carlos dos Santos.

Art.º 4.º — Todos os sócios são gerentes dispensados de caução e com a remuneração que lhes atribuir a assembleia geral. Qualquer gerente pode delegar os respectivos poderes noutro gerente, mediante procuração. Os documentos de mero expediente podem ser assinados por um só gerente; mas a sociedade só ficará vàlidamente obrigada com a assinatura de dois deles, sendo um, necessàriamente, o sócio Arnaldo Carlos dos Santos.

Art.º 5.º — A cessão de quotas é livre entre os sócios; a favor de estranhos só pode efectuar-se com a autorização da sociedade e os outros sócios gozam, nesta hipótese, do direito de opção.

Art.º 6.º — Sempre que uma quota esteja para ser judicialmente alienada ou quando tenha sido transmitida por morte do respectivo titular, pode a sociedade amortizá-la, pelo valor que se apure em face do último balanço aprovado.

Art.º 7.º — Se a lei não estabelecer formalidades especiais, as reuniões da assembleia geral serão convocadas por cartas registadas expedidas com a antecedência mínima de cinco dias.

Art.º 8.º — Além do fundo de reserva legal, será criado um fundo de reserva especial destinado às aplicações deliberadas pela assembleia geral, para o qual reverterá, anualmente, a importância que a mesma assembleia fixe, até ao máximo de cinquenta por cento de lucros líquidos apurados no exercício.

Art.º 9.º — Qualquer dos sócios poderá exercer a sua actividade noutra empresa, individual ou colectiva, ainda que de ramo idêntico aos explorados pela sociedade, se obtiver o consentimento unânime dos restantes sócios, por escrito.

Art.º 10.º — A sociedade não se dissolve por morte ou interdição dos sócios. Os herdeiros do falecido terão de designar um dentre eles para os representar a todos nela enquanto a quota se mantiver indivisa.

Art.º 11.º — Dissolvendo-se a sociedade serão liquidatários todos os sócios e, a assembleia geral decidirá sobre a partilha do património social.

Foram advertidos de que o presente acto tem de ser submetido a registo dentro do património social.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário do que se narra ou transcreve.

Aveiro, 31 de Dezembro de 1968

O Ajudante,

Luís dos Santos Ratola

Litoral — Ano XV — 4-1-1969 — N.º 739

CINEMA — NOTÍCIAS

O Avenida exibe no próximo Domingo, 5, o filme em Technicolor *«O PERFUME DO DINHEIRO», brilhante actuação do conhecido actor* Rex Harrison.

A propósito deste filme transcreve-se:

«Não é vulgar convergirem para um espectáculo de Cinema, tão elevado número de valores como o registado em «O Perfume do Dinheiro»; vejamos o caso:

1 — Benjamim Jonson, o célebre Poeta e dramaturgo contemporâneo de William Shakespeare, sugere, com a sua peça «Volpone», o tema para o filme;

2 — Joseph Mankiewicz assina a planificação e dirige «O Perfume do Dinheiro»; é oportuno referir ser ele o único realizador, até à data, que recebeu 4 «Oscars» em dois filmes: — melhor realização e melhor argumento para «Eva» e para «Uma Carta para três Mulheres»;

3 — Rex Harrison e Susan Hayward encabeçam o elenco de «O Perfume do Dinheiro»; ele, indiscutivelmente, um dos melhores actores da actualidade; ela, também, já consagrada pela Academia de Hollywood pela sua criação em «Quero Viver».

4 — John Addison, festejado autor da partitura musical do filme «Tom Jones» — trabalho que lhe grangeou um «Oscar» — é, agora, o responsável pela música de fundo de «O Perfume do Dinheiro»;

5 — Veneza, os seus palácios e os seus espantosos «décors» naturais servem de enquadramento à acção de «O Perfume do Dinheiro», na admirável fotografia de Gianni Di Venanzo;

6 — Finalmente, Mankiewicz soube tirar de Cliff Robertson, Capucine, Edie Adams, Maggie Smith e Adolfo Celi, o máximo que cada um deles podia dar no desempenho dos respectivos personagens.

De tão importante conjugação de valores resultou, sem dúvida, obra de real merecimento capaz de interessar as plateias mais exigentes».

Agradecimento

A familia de Ermelinda Maria de Lourdes Portugal Pereira Campos Rocha, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que, de algum modo, lhe manifestaram o seu pesar pela saudosa extinta, vem, por este meio, expressar a todos o seu mais profundo reconhecimento.

CINE-TEATRO AVENIDA
Cartaz dos Espectáculos

Sábado, 4 (à tarde e à noite) — OS FILHOS DO LEOPARDO, com Franco Franchi e Ciccio Ingrassia.
Para maiores de 12 anos.

Domingo, 5 (à tarde e à noite) — O PERFUME DO DINHEIRO, com Rex Harrison, Susan Hayward e Cliff Robertson.
Para maiores de 17 anos.

Quarta-feira, 8 (à noite) — O SENHOR DOUTOR, com Mário Moreno (*Cantinflas*).
Para maiores de 12 anos.

Quinta-feira, 9 (à noite) — O VALETE DE OUROS, com George Hamilton, Joseph Cotten e Marie Laforet.
Para maiores de 17 anos.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	NETO
Domingo	MOURA
2.ª feira	CENTRAL
3.ª feira	MODERNA
4.ª feira	ALA
5.ª feira	M. CALADO
6.ª feira	AVENIDA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

A CIDADE

PELA CÂMARA MUNICIPAL

● Foi deliberado exarar na acta os seguintes votos: 1.º — «Um voto de reconhecimento e agradecimento a Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, por se ter deslocado a esta cidade e à Câmara Municipal, a fim de estudar a resolução de problemas escolares com as respectivas autoridades locais e de cuja satisfação resultará manifesto benefício para a região aveirense»; 2.º — «Um voto de congratulação pelo facto de se ter realizado recentemente nesta cidade, o III Colóquio Regional de Aperfeiçoamento Profissional, organizado pelo Sindicato Nacional dos Farmacêuticos e levado a efeito pela Comissão Coordenadora das Actividades Culturais»; e 3.º — «Um voto de pesar pelo falecimento do sr. Amadeu Ala dos Reis, que foi muito ilustre Vereador da Câmara Municipal, expressando os pêsames aos seus familiares».

● Foi deliberado solicitar superiormente a comparticipação respeitante à primeira fase de «Instalação de iluminação pública na zona Central de Aveiro» ou seja, a iluminação circundante do Edifício Municipal e Comercial, cujos trabalhos estão orçados em 371 364$00.

● Foi aprovado, para efeito de pagamento à firma empreiteira da obra da «Rede de Esgotos de Águas Pluviais da Cidade de Aveiro — Centro de Esgueira», um auto de medição de trabalhos, na importância de 113 537$30.

● Foi autorizado um pedido de concessão de licença de habitabilidade de um prédio sito na cidade.

● Foi aprovado para efeito de pagamento à firma empreiteira da obra de «Construção do edifício destinado à Repartição de Finanças, Tesouraria da Fazenda Pública e outros», um auto de medição de trabalhos, 3.ª situação (sanitários), na importância de 37 251$60.

● Foi deliberado adquirir um terreno lavradio, com a área de 865 metros quadrados, sito no Monte de Sarrazola, pela importância de 62 975$00.

● Foram deferidos 5 pedidos de concessão de licenças de habitabilidade respeitantes a prédios novos sitos na área do concelho.

VISITAS DO CHEFE DO DISTRITO

● No dia 26 do mês findo, esteve no Comando de Aveiro da P. S. P., em visita oficial, o Governador Civil, sr. Dr. Francisco do Vale Guimarães. Prestou continência ao distinto visitante uma companhia a dois pelotões, constituída por elementos do corpo activo, sob comando do Comissário sr. Isaías Augusto Coelho.

Depois de passar revista à formatura, o Chefe do Distrito recebeu cumprimentos no gabinete do ilustre Comandante. Dirigiu-se em seguida à sala de aulas onde o sr. Capitão Amílcar Ferreira apresentou o corpo activo, ao qual o sr. Dr. Vale Guimarães dirigiu palavras de merecido louvor e simpatia. Depois, visitou as diversas dependências do aquartelamento, tendo ficado com as mais lisonjeiras impressões, pela ordem, asseio e funcionalismo das mesmas.

● Seguidamente, o sr. Governador Civil visitou o Albergue Distrital.

Foi ali recebido pela Comissão Administrativa e pelos Rev.os Padres Almeida, assistente espiritual, e Félix, pároco de S. Bernardo, e ainda pelo devotado médico da P. S. P., sr. Dr. Humberto Leitão.

O sr. Eng.º Cunha Amaral, digno e competente Director da Urbanização, apresentou ali, ao sr. Dr. Vale Guimarães, o projecto para remodelação e ampliação das instalações, cujos trabalhos, já em curso, mereceram particular interesse ao sr. Governador Civil.

O sr. Dr. Vale Guimarães evocou, sentidamente, a inauguração do Albergue, cuja vida sempre seguiu com empenho, desde o seu primeiro mandato como Chefe do Distrito de Aveiro.

«DIA NACIONAL DO EMIGRANTE»

Amanhã, data em que a Igreja celebra a Festa da Sagrada Família, vai realizar-se em Portugal o «Dia Nacional do Emigrante», instituído pelo Papa Paulo VI que, ao criá-lo, pretendeu dar a esta comemoração anual um específico significado, que podemos resumir desde modo:

1 — Lembrar a solicitude da Igreja, através dos tempos, para com os emigrantes. 2 — Chamar a atenção de todos — em particular dos católicos — para a sua responsabilidade para com os seus irmãos emigrados, lembrando-lhes o dever cristão e humano da caridade para aqueles que, por carência de meios materiais de subsistência, se vêem obrigados a deixar os seus lares. 3 — Alertar os próprios emigrantes dos perigos morais, sociais e religiosos da migração moderna, para que possam enfrentar os problemas do meio onde vão trabalhar sem prejuízo para a sua fé. 4 — Propagar e promover entre todos a sua responsabilidade nos complexos problemas da emigração e unir toda a família universal no espírito de oração e caridade.

CURSO DE PREPARAÇÃO PARA O MATRIMÓNIO

Principia na próxima quarta-feira, dia 8, às 21 horas, um novo Curso de Preparação para o Matrimónio, que será orientado por equipas de casais (entre elas um casal médico).

O Curso realiza-se na Casa de Santa Zita, podendo tomar parte nele os noivos que tencionam casar no ano corrente e os casais que contrairam o seu matrimónio há menos de dois anos.

FESTAS DA QUADRA

— ORGANIZAÇÕES ABEL SANTIAGO

Na tarde de 15 de Dezembro último, e como nestas colunas anunciámos, as ORGANIZAÇÕES ABEL SANTIAGO — «Arla», «Casa das Utilidades», «Feliz Lar» e «Armazéns Abel Santiago» — promoveram uma festa natalícia dedicada aos filhos dos empregados daquelas casas, as primeiras (no género) que em Aveiro organizaram semelhante comemoração.

A festa, subordinada ao título «É NATAL PARA OS NOSSOS FILHOS», realizou-se no salão nobre dos «Bombeiros Novos», em organização da «Arla», que ali montou um presépio e uma Árvore de Natal. Houve um acto de variedade, apresentado pela sr.ª D. Maria Manuela Falcão e pelo sr. José Francisco de Oliveira Naia, em que intervieram doze pequeninos artistas, todos filhos de funcionários da casa; em seguida, o Pai Natal distribuiu brinquedos a cerca de meia centena de petizes; e, por último, confraternizaram perto de duzentas pessoas, no decurso de uma merenda.

— FÁBRICA CAMPOS

No penúltimo sábado, as Fábricas Jerónimo Pereira Campos ofereceram um almoço a todos os seus empregados e operários, encontrando-se presentes delegações das sucursais de Alvarães e Meadela e diversos convidados.

Aos brindes, falou em primeiro lugar o sr. Joaquim Adriano Campos Amorim, Administrador-Delegado. Saudou e agradeceu a presença dos convidados; afirmou que aquele almoço, com o qual a empresa pretendia assinalar a quadra natalícia, era mais um sinal do ressurgimento das Fábricas Campos; anunciou pensões de reforma e maiores benefícios, referindo que em 1968 se atingira a verba de 880 700$00 nos benefícios concedidos; e concluiu desejando um Feliz Natal a todos os colaboradores.

O Subdelegado do I. N. T. P., sr. Dr. Manuel Inocêncio Cabral, que presidiu ao almoço, usou em seguida da palavra, manifestando o seu contentamento pelos sentimentos de unidade ali evidenciados, na certeza de que esses mesmos laços de fraternal e salutar convivência existiam no trabalho diário, entre dirigentes e dirigidos.

Por último, discursou o Administrador sr. Joaquim Neves Martins, que apelou para um mais profundo espírito de colaboração entre todos, em ordem à maior prosperidade da empresa.

Foram distribuídos, em seguida, diplomas aos operários que frequentaram, com aproveitamento, o Curso de Adultos.

— AGÊNCIA COMERCIAL RIA

No penúltimo sábado, dia 21 de Dezembro, realizou-se, no salão nobre do Grémio do Comércio de Aveiro, uma festa de Natal dedicada aos filhos dos colaboradores da Agência Comercial Ria, promovida pela Comissão organizadora do Grupo do Pessoal desta firma.

Usaram da palavra o sr. Eng.º Carlos Gamelas Gomes Teixeira, Presidente do Conselho de Gerência da A. C. Ria e, pela comissão organizadora, o sr. António Coelho e Silva.

Encerrou esta primeira parte o Delegado do I. N. T. P., sr. Dr. Corte Real Amaral, que, muito gentilmente, quis estar presente a esta reunião.

Seguidamente teve lugar uma projecção filmada, terminando a singela festa com uma distribuição de brinquedos às 57 crianças presentes.

— CELULOSE

No Teatro Aveirense, em 21 de Dezembro, efectuou-se a já tradicional festa dedicada, nesta quadra, aos filhos dos empregados e funcionários da Companhia Portuguesa de Celulose. Presentes, ainda, representações do pessoal da Sede, de Lisboa, e da «Socel» de Setúbal.

Houve duas sessões, apresentando-se um Coro Infantil, sob regência do Rev.º Padre Manuel António Carvalhais, Pároco de Cacia; exibiram-se, depois, os palhaços do Trio «Los Carlys»; e foi ainda representada a peça infantil em um acto «Joanão e Joaninha», expressamente escrita por Bartolomeu Conde e interpretada pelo Grupo Cénico do C. A. T. da Celulose.

Na primeira sessão, estiveram presentes o Presidente do Conselho de Administração da empresa, sr. Eng.º Eduardo Rodrigues de Carvalho, e diversos convidados, entre eles: o Bispo de Aveiro, sr. D. Manuel de Almeida Trindade; o Delegado do I. N. T. P., o Presidente da Caixa de Previdência e o Chefe da Missão de Acção Social, respectivamente srs. Dr. Corte Real Amaral, Dr. Cunha Pimentel e Dr. Rocha Cabral.

O Chefe dos Serviços de Pessoal da Celulose, sr. Dr. João de Almeida, proferiu palavras de cumprimento e agradecimento pela sua presença àquelas entidades, apresentando, também, os dois espectáculos.

— SACOR

No salão de festas do Seminário de Santa Joana Princesa, efectuou-se, também na tarde do penúltimo sábado, a anunciada festa de Natal que a Administração da «Sacor» dedicou aos filhos dos empregados do seu Parque de Aveiro.

A reunião decorreu com muita alegria. Após um acto de variedades, houve distribuição de brinquedos e uma merenda.

— METALURGIA CASAL

No passado dia 22 de Dezembro, realizou-se, como fora anunciado, uma festa dedicada aos filhos do pessoal da Metalurgia Casal, SARL.

Depois da exibição de um conjunto musical e de um grupo de palhaços, a Administração da empresa distribuiu brinquedos e guloseimas, que fizeram as delícias da petizada.

No dia seguinte, realizou-se um almoço de confraternização do pessoal, sendo então apresentado o novo Director Técnico, srs. Eng.º Pregitzer. Usaram da palavra o Presidente do Conselho de Administração, sr. João Casal, o novo Director e o cessante, sr. Robert Zipprich, que, no final, foi alvo de uma calorosa manifestação de simpatia. O sr. Zipprich continuará a exercer as suas funções de Administrador da empresa e como conselheiro técnico.

Aspecto da festa das Organizações Abel Santiago — É Natal para os nossos Filhos

Encerrou o Arcada

Continuação da última página

vel cantinho, até ao Amadeu Reis, que por pouco de uma semana deixou de assistir ao extinguir das luzes e ao fechar definitivo das portas do «café» de que era um dos mais fiéis frequentadores.

Seria uma longa série de nomes se quiséssemos relembrar os «habitués» com representação e verdadeiro significado no meio social aveirense que ali, nos últimos quarenta anos, em tertúlia ou encontros menos regulares e numerosos, por ali passaram largas horas da sua vida, ou aqueles que apenas em curtos períodos de férias, como o eminente cientista Egas Moniz, lá procuravam alguma hora de convívio.

Nesse café, agora encerrado, se viveram intensamente os grandes momentos da cidade, e os mais relevantes acontecimentos nacionais e internacionais, apaixonadamente se discutiram os casos do desporto. Aí nasceram negócios, brotaram iniciativas, com repercussão na vida e no progresso citadinos, se viveram sonhos e desilusões.

O aspecto da cidade, como se tivesse sofrido uma parcial paralisia, ou uma amputação ressentiu-se flagrantemente. Passara-se, há poucos anos, por um transe idêntico, e por idêntica causa. Já, então, os efeitos foram de manifesto prejuízo para a fisionomia da urbe em progresso. Neste caso, porque se tratava de um «café» mais fundamente enraizado e identificado com o que poderia chamar-se a estreme aveirofilia, esta «morte», foi mais sentida, causou evidente consternação.

Com o seu desaparecimento, quase que pràticamente morrem os «Arcos» — os velhos «Balcões» que remontam ao século de quinhentos e desde então constituíram sempre o predilecto centro de reunião de gente grada. E Aveiro, não há dúvida, com esta perda, embora lá se instale um banco, com todo o seu poder financeiro, não só se incaracterizou, numa das suas capitais e típicas parcelas, mas empobreceu.

Muitos dos frequentadores do finado «Arcada», assistiram, fidelìssimamente, aos seus últimos momentos. E, cônscio do que ele representava na existência citadina, não se dispensaram de ficar com uma recordação do inolvidável finado. Esgotaram-se as chávenas, com o nome do Arcada, a lembrança que todos reclamavam na despedida.»

PELA P. S. P.

● Depois de cinco dias de estágio no Comando da P. S. P. de Aveiro, seguiu, no dia 23 do mês findo, para Lisboa o sr. Capitão Orlando José do Espírito-Santo Ramos, a fim de exercer funções na Escola Prática de Polícia.

● O sr. Capitão Amílcar Ferreira, distinto Comandante Distrital da P. S. P. de Aveiro, partiu anteontem, 2, para o Centro de Alistados da P. S. P. nas Caldas da Rainha, a fim de dirigir a respectiva escola, durante o período de instrução dos novos alistados.

CURSO BÍBLICO

Orientado pelo Rev.º Padre Arménio Alves da Costa, Pároco da Glória, vai principiar na próxima semana, no salão de festas da Casa de Santa Zita, um Curso Bíblico, que tem por principal objectivo proporcionar um melhor conhecimento das Escrituras.

Haverá, a partir do dia 7, duas sessões por semana, às terças e sextas-feiras, cada uma com duas lições: uma às 21.30 horas; outra às 22.20 horas.

ZÉ PENICHEIRO EXPÕE EM COIMBRA

Hoje, pelas 15 horas, na Delegação de Coimbra de «O Primeiro de Janeiro», inaugura-se uma exposição de pintura (*portrait-charge*) e desenho do Artista Zé Penicheiro, apreciado e distinto colaborador do *Litoral*.

O certame, a que não será ousado augurar os melhores triunfos, estará patente ao público até 13 do corrente, todos os dias, das 15 às 20 horas.

FOI ANTECIPADO O CORTEJO DE OFERENDAS DE ARADAS

Fomos informados de que o cortejo de oferendas que se marcara para o próximo dia 19, em Aradas, foi antecipado para 12 do corrente mês.

Como se noticiou, este cortejo de «pastorinhas» é organizado pela Comissão de Culto de Aradas, com o fim de angariar fundos destinados à construção da nova capela daquele lugar.

BANGAR — Sociedade Comercial Têxtil, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

SEGUNDO CARTÓRIO

Certifico que por escritura de 26 de Dezembro de 1968, inserta de fls. 17 a 20 do livro C-5, deste cartório, foi constituída entre Cândido da Silva Barros, Leonel Seabra de Sousa e Arnaldo Carlos dos Santos, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada nos termos seguintes:

Art.º 1.º — A sociedade adopta a designação «BANGAR — Sociedade Comercial Têxtil, Limitada», tem a sede na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, número duzentos sessenta e seis, em Aveiro (freguesia de Vera-Cruz) e durará por tempo indeterminado, a contar de 1 de Janeiro de 1969. O estabelecimento principal será no local da sede; mas a sociedade poderá vir a abrir filiais ou sucursais em qualquer parte do País.

Art.º 2.º — O objecto social consiste na indústria e comércio de confecções e têxteis, designadamente por importação e exportação, e em representações, mas poderá alargar-se a qualquer outro ramo de actividade mediante deliberação unânime dos sócios.

Art.º 3.º — O capital da sociedade é de 600 contos, representado por três quotas iguais, já inteiramente realizadas em dinheiro, subscritas uma por cada um dos sócios, Cândido da Silva Barros, Leonel Seabra de Sousa e Arnaldo Carlos dos Santos.

Art.º 4.º — Todos os sócios são gerentes dispensados de caução e com a remuneração que lhes atribuir a assembleia geral. Qualquer gerente pode delegar os respectivos poderes noutro gerente, mediante procuração. Os documentos de mero expediente podem ser assinados por um só gerente; mas a sociedade só ficará vàlidamente obrigada com a assinatura de dois deles, sendo um, necessàriamente, o sócio Arnaldo Carlos dos Santos.

Art.º 5.º — A cessão de quotas é livre entre os sócios; a favor de estranhos só pode efectuar-se com a autorização da sociedade e os outros sócios gozam, nesta hipótese, do direito de opção.

Art.º 6.º — Sempre que uma quota esteja para ser judicialmente alienada ou quando tenha sido transmitida por morte do respectivo titular, pode a sociedade amortizá-la, pelo valor que se apure em face do último balanço aprovado.

Art.º 7.º — Se a lei não estabelecer formalidades especiais, as reuniões da assembleia geral serão convocadas por cartas registadas expedidas com a antecedência mínima de cinco dias.

Art.º 8.º — Além do fundo de reserva legal, será criado um fundo de reserva especial destinado às aplicações deliberadas pela assembleia geral, para o qual reverterá, anualmente, a importância que a mesma assembleia fixe, até ao máximo de cinquenta por cento de lucros líquidos apurados no exercício.

Art.º 9.º — Qualquer dos sócios poderá exercer a sua actividade noutra empresa, individual ou colectiva, ainda que de ramo idêntico aos explorados pela sociedade, se obtiver o consentimento unânime dos restantes sócios, por escrito.

Art.º 10.º — A sociedade não se dissolve por morte ou interdição dos sócios. Os herdeiros do falecido terão de designar um dentre eles para os representar a todos nela enquanto a quota se mantiver indivisa.

Art.º 11.º — Dissolvendo-se a sociedade serão liquidatários todos os sócios e, a assembleia geral decidirá sobre a partilha do património social.

Foram advertidos de que o presente acto tem de ser submetido a registo dentro do património social.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário do que se narra ou transcreve.

Aveiro, 31 de Dezembro de 1968

O Ajudante,

Luís dos Santos Ratola

Litoral — Ano XV — 4-1-1969 — N.º 739

CINEMA — NOTÍCIAS

O Avenida exibe no próximo Domingo, 5, o filme em Technicolor *«O PERFUME DO DINHEIRO», brilhante actuação do conhecido actor* Rex Harrison.

A propósito deste filme transcreve-se:

«Não é vulgar convergirem para um espectáculo de Cinema, tão elevado número de valores como o registado em «O Perfume do Dinheiro»; vejamos o caso:

1 — Benjamim Jonson, o célebre Poeta e dramaturgo contemporâneo de William Shakespeare, sugere, com a sua peça «Volpone», o tema para o filme;

2 — Joseph Mankiewicz assina a planificação e dirige «O Perfume do Dinheiro»; é oportuno referir ser ele o único realizador, até à data, que recebeu 4 «Oscars» em dois filmes: — melhor realização e melhor argumento para «Eva» e para «Uma Carta para três Mulheres»;

3 — Rex Harrison e Susan Hayward encabeçam o elenco de «O Perfume do Dinheiro»; ele, indiscutìvelmente, um dos melhores actores da actualidade; ela, também, já consagrada pela Academia de Hollywood pela sua criação em «Quero Viver».

4 — John Addison, festejado autor da partitura musical do filme «Tom Jones» — trabalho que lhe grangeou um «Oscar» — é, agora, o responsável pela música de fundo de «O Perfume do Dinheiro»;

5 — Veneza, os seus palácios e os seus espantosos «décors» naturais servem de enquadramento à acção de «O Perfume do Dinheiro», na admirável fotografia de Gianni Di Venanzo;

6 — Finalmente, Mankiewicz soube tirar de Cliff Robertson, Capucine, Edie Adams, Maggie Smith e Adolfo Celi, o máximo que cada um deles podia dar no desempenho dos respectivos personagens.

De tão importante conjugação de valores resultou, sem dúvida, obra de real merecimento capaz de interessar as plateias mais exigentes».

Agradecimento

A família de Ermelinda Maria de Lourdes Portugal Pereira Campos Rocha, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que, de algum modo, lhe manifestaram o seu pesar pela saudosa extinta, vem, por este meio, expressar a todos o seu mais profundo reconhecimento.

CINE-TEATRO AVENIDA

Cartaz dos Espectáculos

Sábado, 4 (à tarde e à noite) — OS FILHOS DO LEOPARDO, com Franco Franchi e Ciccio Ingrassia.
Para maiores de 12 anos.

Domingo, 5 (à tarde e à noite) — O PERFUME DO DINHEIRO, com Rex Harrison, Susan Hayward e Cliff Robertson.
Para maiores de 17 anos.

Quarta-feira, 8 (à noite) — O SENHOR DOUTOR, com Mário Moreno (*Cantinflas*).
Para maiores de 12 anos.

Quinta-feira, 9 (à noite) — O VALETE DE OUROS, com George Hamilton, Joseph Cotten e Marie Laforet.
Para maiores de 17 anos.

Continuações

Beira-Mar — Valecambrense

tuna, dos valecambrenses), outras vezes ainda porque o guarda-redes Carlos Alberto I se opunha, com denodo e sorte, aos intentos dos beiramarenses.

Também houve, aqui e além, evidente mala-pata *dos jogadores de Aveiro, designadamente aos 30 m., quando Cleo atirou contra a barra (no ressalto do esférico, para impedir a recarga de Sousa, Pinto da Rocha desviou-o com a mão, incorrendo em* penalty *que o árbitro não quis ver...); e aos 47 m., num forte «tiro» de Amaral, que levou a bola contra um poste!*

A verdade, porém, é que os pupilos de Janos Horotko, pretendendo a todo o transe evitar nova goleada, criaram sérias e inesperadas dificuldades ao Beira-Mar, pela autêntica «muralha de pernas» que impedia a progressão dos seus dianteiros... E o Valecambrense, jogando num super-ferrolho declarado — Córó foi o libero, *recuando Julião para o quarteto defensivo e jogando Grilo ao lado de Silva, na linha média, ambos auxiliados, de resto, pelos elementos mais adiantados — chegou a vislumbrar a hipótese de uma igualdade, que seria injusta.*

Entusiásticos, rápidos sobre a bola ou sobre o adversário que a conduzia, os visitantes sentiam-se bafejados pela sorte do jogo e iam ganhando novos alentos, à medida que o tempa corria... Mas só se defendiam, conforme lhe era possível — usando e abusando de pontapés longos, para zonas desguarnecidas ou para fora do campo, e de balões, em despachos transviados...

Desse modo, conseguiram evitar punição mais contundente; mas não puderam impedir o que se tinha por inevitável — embora não possamos fiar-nos em lógicas, nas questões do futebol: a derrota..

O árbitro Armando Paraty réalizou trabalho inseguro, com falhas de vulto: para além do «penalty» em julgado a que atrás fizemos referência, ficou também em claro outro castigo máximo, num lance em que o defesa visitante Vítor derrubou o aveirense Marques, dentro da grande área. Nota negativa, portanto, para o juiz de campo, que aliás, teve fracos auxiliares.

Sumário Distrital

Classificações finais:

ZONA A — 1.° — Lusitânia (15-11), 24 pontos. 2.° — Paços de Brandão (21-10), 22. 3.° — Espinho (15-15), 21. 4.° — Lamas (12-15), 20. 5.° — Feirense (14-14), 19. 6.° — Esmoriz (6-18), 14.

ZONA B — 1.° — Sanjoanense (47-3), 28 pontos 2.° — Oliveirense (31-5), 26. 3.° — Bustelo (20-17), 21. 4.° — Arrifanense (17-31), 20. 5.° — Valecambrense (13-31), 12. 6.° — Cucujães (5-46), 12.

ZONA C — 1.° — Ovarense (18-7), 25 pontos. 2.° — Beira-Mar (39-7), 25. 3.° — Alba (18-16), 23. 4.° — Avanca (12-14), 19 5.° — Vista-Alegre (7-28), 14. 6.° — Estarreja (3-25), 14.

ZONA D — 1.° — Recreio de Agueda (48-7), 26 pontos; 2.° — Valonguense (22-15), 22. 3.° — Pampilhosa (14-21), 21. 4.° — Oliveira do Bairro (15-24), 20. 5.° — Anadia (9-16), 16. 6.° — Mealhada (9-34), 15.

JUVENIS

Resultados da 11.ª jornada:

ZONA A

S. Roque — Bustelo 0-4
Lusitânia — Espinho 0-0
Oliveirense — Feirense 0-2
Cucujães — Arrifanense 2-0
Sanjoanense — Ovarense . . . 3-0

ZONA B

Avanca — Pampilhosa 2-0
Beira-Mar — Recreio 1-0
Estarreja — Alba 0-2
Gafanha — Vista-Alegre 0-3
Mealhada — Anadia 0-0

Classificações:

ZONA A — 1.° — Feirense (36-4), 32 pontos. 2.° — Sanjoanense (38-6), 29. 3.° — Cucujães (18-11), 26. 4.° — Ovarense (16-18), 22. 5.° — Bustelo (12-14), 22. 6.° — Lusitânia (12-17), 22. 7.° — Oliveirense (8-25), 19. 8.° — Arrifanense (10-17), 17. 9.° — Espinho (6-22), 17. 10.° — S. Roque (7-29), 16.

ZONA B — 1.° — Alba (26-7), 31 pontos. 2.° — Avanca (19-10), 26. 3.° — Recreio de Agueda (13-10), 25. 4.° — Beira-Mar (16-13), 24. 5.° — Vista-Alegre (15-13), 23. 6.° — Anadia (19-15), 22. 7.° — Pampilhosa (17-19), 21. 8.° — Mealhada (5-16), 18. 9.° — Gafanha (14-28), 15. 10.° — Estarreja (7-20), 15.

Andebol de sete

A prova prossegue esta noite, com o jogo:

SANJOANENSE — AT. VAREIRO

Beira-Mar, 20
Sanjoanense, 5

Jogo no Pavilhão do Beira-Mar. Árbitros: Franklim Amaral e Teixeira Pires. Os grupos alinharam desta forma:

Beira-Mar — *Correia (Eusébio), Malheiro 3, Guerra, Lopes 2, Vieira 6, Helder 5, Leal 1, Pimentel, Albergaria 2, Aguiar 1, Coito e Monteiro.*

Sanjoanense — *Guilherme, Augusto, Pereira, Madeira 5, Jaime, Macieira, Albertino, Avelino, Silva e Vasconcelos.*

Vitória expressiva dos beiramarenses, que terminaram a metade inicial com o score *em 10-1 e, depois, deram a sensação de desinteressados pelo desfecho.*

Jogo muito movimentado e agradável de seguir, com promissora actuação dos aveirenses, que possuem elementos com muito futuro.

Arbitragem desiquilibrada e com falhas, adoptando critérios diferentes para lances idênticos.

Basquetebol

sido resolvido o protesto dos esgueirenses, em relação ao Sangalhos — Esgueira. Se obtiverem provimento e vencerem o desafio de repetição, terá de haver uma finalíssima entre Galitos e Esgueira.

JUVENIS

Resultados da 14.ª jornada:

AMONIACO — ESGUEIRA . . 55-44
SANGALHOS — ILLIABUM . . 29-26
BEIRA-MAR — SANJOANENSE . 15-8

Mapa de pontos:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Galitos	12	12	0	525-223	36
Esgueira	12	8	4	441-284	28
Sangalhos	11	7	4	323-334	25
Amoníaco	12	6	6	424-343	24
Illiabum	12	5	7	330-299	22
Sanjoanen.	11	2	9	184-418	15
Beira-Mar	12	1	11	164-490	14

O Galitos reconquistou o título (em poder do Esgueira), mercê de carreira totalmente vitoriosa, em que se impôs como a melhor equipa. Falta, no entanto, realizar o encontro Sanjoanense — Sangalhos, cujo resultado não influirá na questão do título.

Tribunal Judicial da Comarca de Esposende

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Torna-se público que pela secção de processos do Tribunal Judicial da comarca de Esposende e nos autos de execução sumária que Manuel Cardoso e Silva, Limitada, com sede na vila de Esposende, move contra os executados Irmãos Vidal, Limitada, com sede em Quintãs — Ílhavo — Costa do Valado; Abel Carlos da Costa Vidal e mulher, Maria Helena Simões Pinho, proprietários, residentes na freguesia de Arada e António José da Silva Nunes Vidal e mulher, Maria Odete Ferreira Lourenço, proprietários, residentes no lugar de Quintãs, todos da comarca de Aveiro, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda e última publicação do anúncio, citando todos e quaisquer credores desconhecidos dos executados, que tenham direito real sobre os bens penhorados, a seguir indicados, para, no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos, nos termos e para os efeitos do disposto nos artigos 864 e 865 do Código do Processo Civil. Bens penhorados — terreno de cultura sito no lugar de Ervosas, Ílhavo, inscrito na matriz sob o artigo 7 656 em nome de António José da Silva Nunes Vidal; e Conjunto Industrial — Fábrica de Estores, sita em Ervosas, composto de armazéns e pavilhões, inscrito na matriz sob o artigo 4 610 em nome de Irmãos Vidal, L.da.

Esposende, 18 de Dezembro de 1968

O Juiz de Direito,
Natal Querido da Costa e Silva

O Escrivão de Direito,
Manuel Cerqueira Nunes da Silva

Litoral — Ano XV — 4-1-1969 — N.º 739

Tribunal Judicial da Comarca de Esposende

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Torna-se público que pela secção de processos do Tribunal Judicial da comarca de Esposende e nos autos de execução sumária que o exequente Manuel Cardoso e Silva, solteiro, residente na vila de Esposende, move contra os executados Irmãos Vidal, Limitada, com sede em Quintãs — Ílhavo — Costa do Valado; Abel Carlos da Costa Vidal e mulher Maria Helena Simões Pinho, proprietários, residentes na freguesia de Arada, e António José da Silva Nunes Vidal e mulher, Maria Odete Ferreira Lourenço, proprietários, residentes no lugar de Quintãs, todos da comarca de Aveiro, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando todos e quaisquer credores desconhecidos dos executados, que tenham direito real sobre os bens penhorados, a seguir indicados, para, no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos, nos termos e para os efeitos do disposto nos artigos 864 e 865 do Código do Processo Civil. Bens penhorados — situados na freguesia de Arada — terra de cultura de sequeiro, sita na Pedro Moura, inscrita na matriz sob o art.º 2 544 em nome de Abel Carlos da Costa Vidal e Casa de rés-do-chão, sita na Rua Direita — Coimbrão, inscrita na matriz sob o artigo 1 445, em nome daquele Abel.

Esposende, 18 de Dezembro de 1968

O Juiz de Direito,
Natal Querido da Costa e Silva

O Escrivão de Direito,
Manuel Cerqueira Nunes da Silva

Litoral — Ano XV — 4-1-1969 — N.º 739

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se saber que no dia 24 de Janeiro próximo, pelas 11.30 horas, no Palácio de Justiça desta comarca de Aveiro e nos autos de Execução de Sentença pendentes na segunda Secção do primeiro Juízo desta comarca, que o exequente Alexandrino Caçoilo Margaça, casado, industrial, morador na Marinha Velha, da freguesia da Gafanha da Nazaré, move contra os executados José da Silva Cardoso e mulher, Carmélia Filipe Nunes, moradores no lugar do Bebedouro, da dita freguesia da Gafanha da Nazaré, vai ser posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado, pelo maior lanço oferecido, acima do valor indicado, o seguinte:

IMÓVEL

Uma casa térrea sita no lugar da Chave, de freguesia da Gafanha da Nazaré, do concelho de Ílhavo, que confronta do norte com João Pata, do sul com Manuel Nunes Pinguelo, do nascente com Mercírio Nunes e do poente com estrada, não descrita na Conservatória e inscrita na matriz urbana respectiva sob o artigo dois mil e oitenta e dois, que vai à praça por oito mil cento e sessenta escudos.

Aveiro, 20 de Dezembro de 1968

O Escrivão de Direito,
Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
João Carlos Afonso da Rocha

Litoral — Ano XV — 4-1-1969 — N.º 739

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Faz-se saber que no dia 14 de Janeiro próximo, pelas 11 horas, no Palácio da Justiça desta comarca de Aveiro e nos autos de Execução de Sentença pendentes na 2.ª Secção do 1.º Juízo desta comarca de Aveiro, que o exequente Maurício Inácio dos Santos, casado, comerciante, morador em Valado dos Frades, da comarca de Alcobaça, move contra os executados João Gonçalves Magalhães e mulher, Rosa Gilsans de Magalhães, esta doméstica e aquele comerciante, moradores em Esgueira, desta comarca, vai ser posto em praça, para ser arrematado pelo maior lanço oferecido acima do valor indicado, o direito que o executado tem na herança ilíquida e indivisa por óbito de seu pai — Francisco Gonçalves, que foi morador em Casal de Ermio, da comarca da Lousã, e que vai pela primeira vez à praça por noventa mil escudos.

Aveiro 9 de Dezembro de 1968

O Escrivão de Direito,
Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
João Carlos Afonso da Rocha

Litoral — Ano XV — 4-1-1969 — N.º 739

Cada cabeça... sua sentença

Continuação da última página

— Contudo, poderemos acrescentar que, mormente e duma maneira geral, a opção é sempre influenciada e condicionada por questões de natureza económica, de comodidade relativa e de cartaz.

UMA PROFESSORA PRIMÁRIA

Tanto o cinema como a televisão podem constituir perfeitos órgãos de informação, formação, recreio e elemento de ligação entre os homens. Tal como o panorama cinematográfico e a programação das emissões de televisão se me vêm apresentando no nosso país, opto pelo cinema.

Não significa esta opção que eu considere ideal ou mesmo até sofrível o conjunto de espectáculos cinematográficos à nossa disposição.

No entanto considero um mal menor. Neste caso (observação de cinema) se bem que, com condicionamentos de vária ordem, ainda me é dado escolher a fita a observar.

O diálogo, bem sei que extraordinàriamente intermitente e quantas vezes em surdina que o cinema aqui e ali vai gerando, julgo factor de valorização relativamente à T. V..

Atendendo à extremamente fácil penetração da T. V. nos ambientes culturais mais díspares; atendendo ao nível e tipo dos seus programas (não faço apreciações que quase se estão a tornar lugar-comum. Com a devida vénia vide todos os dias, Mário Castrim), julgo que na maioria dos casos a acção da T. V. é prejudicial. A violência, o sentir mesquinho, o ídolo falso, o êxito fácil, o sentimentalismo piegas, são apoios quase habituais dos programas apresentados.

Quer o cinema quer a televisão despertam na criança (meu elemento de trabalho profissional) extremo interesse. Quando em presença de um pequeno ou de um grande «écran» eles entregam-se «de corpo e alma» à vivência das sequências que lhes apresentam. Fazem deles «os heróis», «os sistemas», «os métodos», «os interesses» que lhes foram apresentados. Esta confiança, esta entrega, exige de programadores e realizadores uma pausa de meditação: «estarei a ser tão franco, tão leal, tão Amigo dos meus espectadores quanto eles são meus?».

É urgente uma reestruturação não digo nos espectáculos cinematográficos porque quase os não há, mas na programação da T. V., no sentido de criar um espectáculo agradável, mas valorizados para o público infantil. Recorra-se a psicólogos e a pedagogos. Contacte-se com outras fontes de recolha de filmes que não as habituais. No Festival de Gijon dizem aparecer coisas tão lindas e boas!

Quanto aos espectáculos de cinema infantil que afirmo não existirem é igualmente necessário criá-los, tendo em vista que o jovem tome perante ele uma atitude conscientemente crítica, única forma de aquele redundar em valorização.

Desculpe, isto tem imensas lacunas, mas o tema é tão vasto e o que está feito é tão pouco e tão fraco... que seria necessário mais tempo, mais espaço e mais saber.

UM CINEASTA AMADOR

É muitíssimo desconfortável sermos surpreendidos por respostas que damos instintivamente e obedecendo mais a impulsos interiores, sem percebermos a relação imediata com quaisquer razões já ruminadas. Assim aconteceu quando nos perguntaram se preferíamos o cinema à televisão. Vasculhar os motivos que conduziram à afirmativa e livrarmo-nos da incomodidade, aquilo que mais nos decidiu a interrogarmo-nos.

Levar a casa das pessoas a informação e a cultura, sob a forma de espectáculo, parece-nos resumir as aspirações da televisão; como fornecer o mesmo programa aos espectadores reunidos em salas adaptadas ao fim em vista, deveria constituir o credo da chamada indústria cinematográfica. Isto, o que devia ser, bem entendido. Mas pesando as razões da nossa preferência sòmente à luz do ideal sugerido, ficaríamos com uma margem estreitíssima para nos justificarmos. Apesar de tudo, poderíamos tentar as explicações da preferência instintiva, ligadas com o tamanho do «écran» que, em cinema, não amesquinha os actores e nos integra mais eficientemente no espaço-tempo da história que contemplamos. Podíamos ainda relacionar essa preferência com o calor humano que, no cinema, advém do convívio com os outros espectadores. Nos intervalos trocam-se impressões, o que faculta a aproximação entre as pessoas. Sim, porque os clubes morrem de pasmo, ou estão reduzidos aos interessados nas suas actividades desportivas e culturais. E o futebol, tem o privilégio de movimentar e juntar multidões, traz como reverso a cisão em grupos fechados no seu egoísmo partidário.

A perseverança do desconforto obriga-nos a concluir a relação estreita das nossas razões de preferência, mais que o que o cinema e a T. V. são, muito menos talvez com o que deveriam ser. É que reconhecemos em ambos uma força de persuasão que nos causa arrepios. De facto, todas essas manifestações de carácter artístico podem, mais ou menos subrepticiamente, semear ideias, talhar comportamentos. Voltaire e Rousseau abriram o caminho da revolução com as suas obras literárias, como Beethoven com a sua música. Mas o cinema e a T. V., pelas suas características de facilidade de difusão, maleabilidade e aspecto de verosimilhança, prestam-se muitíssimo mais a imprimir dinâmica aos estados emotivos. Mil e uma barbaridades do nosso tempo, os simples roubos de carros cometidos por jovens ases do volante e que culminam em desastres aparatosos, mas mortais, ilustram a influência perniciosa a que não são alheios os espectáculos de violência pela violência, repetidos com indesejável constância nos «écrans» dos nossos cinemas, ou dos nossos aparelhos de T. V. Mas o poder de penetração nesta última é muitíssimo mais de temer, visto estender-se a todo o bloco familiar, impedindo, muitas vezes, de participar noutros espectáculos que obrigaria até a deslocações. Assim, franqueado o umbral da nossa porta, apanha os nossos filhos imaturos, e, por conseguinte, permeáveis à propaganda do que podem ser falsos ideais. Não é por acaso que políticas e religiões dedicam especialmente cuidado à formação da juventude. «Dai-me uma criança até aos oito anos e farei dela um católico para toda a vida», ou «deixai-me educar uma criança até aos dez anos e farei dela um comunista para toda a vida», são máximas que a experiência elevou à categoria de axiomas.

A T. V. crescerá nas nossas casas movida pelas rodas incansáveis do progresso. Estenderá o seu «vídeo» a uma, duas, ou todas as paredes da nossa casa como o prevê Ray Bradbury. Talvez que novos hábitos de comunidade impeçam as pessoas de se juntarem nas salas de espectáculos. As pessoas isolar-se-ão para beber os «slogans» entorpecentes destinados a mover os novos títeres nascidos de uma civilização predominantemente técnica. E talvez que o medo de um futuro assim tenha sido a causa da nossa resposta instintiva.

JORGE SARABANDO MOREIRA

Inflacção — *preços crescentes*

Continuação da última página

da agricultura — se situa abaixo do acréscimo da produtividade tal como resulta da simples divisão do valor da produção pelo número de pessoas empregadas na actividade produtiva de que resultou esse valor global» (²).

Também os rendimentos provindos do turismo, por não terem uma correspondência na produção nacional, são um motivo do aumento do custo de vida. O Algarve é disso uma ilustração fácil e regional. Poderiam esses rendimentos (bem como aqueles que provêm dos emigrantes) serem compensados pela importação. No entanto, isso não acontece porque

1 — esses rendimentos não cobrem totalmente o saldo negativo da balança comercial;

2 — esses rendimentos não se dirigem «directamente para o mercado de bens em produção e de serviços, sendo entesourados ou capitalizando-se em bens naturais como a compra de terras» (³).

Dentro do contexto nacional importa ainda falar da inflacção importada. Sendo elevado o valor dos produtos adquiridos num número restrito de países estrangeiros, poderemos compreender o efeito em Portugal das flutuações inflaccionistas desses mesmos países. Não muito longe de nós estão as crises que ameaçaram a libra, o franco e o dólar.

Referidas as motivações anteriores, é necessário não esquecer o factor que o Dr. Armando de Castro aponta como predominante: «o esforço que o país tem feito em esferas comandadas por razões extra-económicas mas que afectando uma parte da actividade económica nacional a despesas que sob o ponto de vista económico não são produtivas, geram rendimentos correspondentes sem contrapartida em bens que entrem nos circuitos económicos normais» (⁴)*. E em complemento poderemos acrescentar a afirmação do economista belga Ernest Mandel: «a criação de poder de compra no sector de armamentos não é compensado pelo aumento da massa de mercadorias, quer de bens de consumo, quer de bens de produção, cuja venda poderia reabsorver o poder de compra assim criado»* (⁵).

ALÍPIO RIBEIRO

(¹) — Charles L. Schultze, Análise do rendimento nacional pág. 214.

(²) — Armando de Castro, Estudos de economia teórica e aplicada, pág. 296.

(³) — Armando de Castro, op. cit., pág. 292.

(⁴) — Armando de Castro, op. cit., págs. 302-303.

(⁵) — Ernest Mandel, Iniciação à teoria económica, pág. 62.

DEPOIMENTO...

Continuação da última página

de um *Rally* automóvel ao Minho, em que fui «pendura» do Corte-Real Pereira. Ficámos todos em fotografia da «Frota de Aveiro» tirada, após a distribuição das taças, nas escadarias do Casino da Póvoa de Varzim. Daí para cá, encontrámo-nos muitas vezes e sempre fizemos bom convívio.

É tão raro encontrar bons camaradas que, sempre que perco um, sinto que um pedaço da minha vida entra em sombra.

A BERTRAND há muito que anuncia, no prelo, o esperado livro de memórias de Mestre Aquilino UM ESCRITOR CONFESSA-SE. Tem-se ficado pelo anúncio. E parece, realmente, paradoxal que, num país de confessionários, se não tenha deixado, a um Escritor, confessar-se!...

Pode ser que esta chuva que tem caído lave muita coisa. E eu espero que, entre os lixos que varra, tenha enxurrado os obstáculos à livre criação da Arte.

O GOVERNO vai propor, ao critério apreciativo da Assembleia Nacional, o miolo da Lei de Imprensa.

Será, para quem escreve, melhor do que a Censura? Pelo menos, na medida em que não há pior do que a Censura, acho que sim. Censura-se, depois, cada um a si próprio e com os cuidados que a cominação legal imporá. Sim, porque as penas repressivas devem ser de alto lá com o charuto! Acho preferível, entretanto, a Lei de Imprensa, que fará entrar em vigor este princípio salutar: MÁXIMA LIBERDADE DENTRO DA MÁXIMA RESPONSABILIDADE.

O jornalista infringe? O juiz o julgará. E eu não tenho medo do juízo dos juízes, que são pessoas cultas e dignas. A justiça das becas não me amedronta.

DA REPÚBLICA, o grande diário da tarde, transcrevo, do número de 20-XII-1968, a seguinte notícia:

O governador civil de Aveiro, dr. Vale Guimarães, vai convidar para presidente da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha o sr. José Nunes Alves, conhecido democrata e republicano convicto.

O sr. Nunes Alves, proprietário, correspondente bancário e antigo chefe dos escritórios da Fábrica de Papel do Prado na freguesia de Valmaior, é assinante do nosso jornal e individualidade altamente consciente dos seus deveres para com o povo da região, pensamento no âmbito do qual acedeu, há um ano, a desempenhar o lugar de vereador.

A população local alimenta grandes e fundamentadas esperanças na sua actuação.

Foi feliz o senhor Governador Civil Dr. Vale Guimarães na escolha; e o concelho de Albergaria-a-Velha está francamente de parabéns.

A ESTRADA DO ÊXITO, rubrica da R. T. P., foi, na antevéspera do Natal, consagrada ao prestigioso António Silva. O grande Actor mereceu exuberantemente a consagração. Daqui o saúdo com a minha maior admiração e dirijo simultâneamente o meu saudar à grande actriz D. Josefina Silva, sua dedicada mulher, extraordinária Senhora e extraordinária Actriz. É um casal modelar o destes dois espantosos artistas, que dignificam a cena portuguesa, pelo seu magnífico talento e honram o Teatro pela exemplaridade da sua vida moral.

O *flash-back* que, a documentar a vida do actor António Silva, nos foi dado ver, de várias peças e filmes, trouxe-nos um punhado de extintas celebridades — Vasco Santana, Maria Matos, Estêvão Amarante, João Villaret, Álvaro de Almeida, Óscar de Lemos, etc. — que, a nós, mais velhos, foi sumamente agradável recordar. Ao lado destes, mostrou-nos a juventude do Igrejas Caeiro, da Amália, do Salvador, do Curado Ribeiro, do Ribeirinho e de outros, que foi divertido ver.

Bom programa. Bom será que continue com outras grandes figuras do Teatro — que é bem a rainha das Artes.

VASCO DE LEMOS MOURISCA

CACHOEIRA

POEMA DO ANO VELHO PARA O ANO NOVO

VAI CAUDALOSO O RIO DE AMARGURAS !...
A DOR TRASBORDA — E AS IMPONENTES VAGAS
DEIXAM SULCOS NAS MARGENS, COMO CHAGAS
DE PÉS DESCALÇOS POR ESTRADAS DURAS.

E O RIO FAZ-SE EM MAR DE DESVENTURAS...
— MAR TORMENTOSO, DE ONDAS AZIAGAS,
QUE ATIRA, SEM PIEDADE, CONTRA AS FRAGAS,
AS ILUSÕES MAIS CARAS E MAIS PURAS.

A FOME ALASTRA, NESTE OCEANO DE ANSIAS...
— COMO FERAS À SOLTA, HÁ RESSONANCIAS
DE CACHOEIRA, DESDE O BERÇO À COVA !...

— MAS CADA NOITE ESPERA UM NOVO DIA,
CADA VIDA ESMAGADA, UMA ALELUIA,
CADA AMARGURA, UMA DOÇURA NOVA !...

1968 - 1969

Carlos de Morais

ALÍPIO RIBEIRO

INFLACÇÃO — *preços crescentes*

A economia, como ciência que é, utiliza a sua terminologia específica. E, dentro dessa conceptualização, serve-se, pois, de um termo para traduzir aquilo que em linguagem do quotidiano é o «aumento do custo de vida» — inflacção. *Neste esboço pretendemos, genèricamente, apontar as causas e as consequências desse fenómeno económico que tão directamente toca cada um de nós.*

Quando a capacidade produtiva está em pleno emprego e se dá um aumento do poder de compra que transcende essa mesma capacidade produtiva, resulta daí que os produtos a consumir vejam o seu preço elevado. Ao contrário do que acontece com a concorrência na venda, a concorrência na compra permite aos vendedores aumentarem o preço dos seus produtos. Vejamos um exemplo bastante simples: se só houver um carro e dez compradores, custando ele 50 contos, fàcilmente o vendedor o poderá vender por 80. Mas adiantemos desde já, para evitar equívocos, que é «o índice geral de preços e não os preços isolados, que é relevante na discussão da inflacção» (1).

Importa, agora, saber quais os motivos que possibilitam o aumento do poder de compra. Apresentam-se vários mas só consoante os circunstancialismos a sua importância é definida. Assim, abstractamente, tem-se apresentado como um dos principais motivos o do aumento salarial, não parecendo, no entanto, que essa tese proceda no caso português. «Mesmo através de médias muito singelas e grosseiras, sabe-se que a percentagem de alta nos salários nominais — com excepção talvez

Continua na página nove

DEPOIMENTO

DO DR. VASCO DE LEMOS MOURISCA

FRAGMENTOS

DUAS MORTES no mesmo dia — ou pelo menos, tive, delas, conhecimento na mesma hora: a do meu bom amigo Baltasar Vilarinho e a do Alferes Manuel António Branco Lopes.

Talvez tivesse conhecido este combatente de África, na sua adolescência, aqui por Aveiro. Julgo que sim. A ideia, porém, é vaga. A sua morte doeu-me, entretanto, já por ser a de um jovem, já e sobretudo pela dor que feriu seus pais, que muito estimo e considero.

O jovem morreu pela Pátria, na luta sangrenta e sem tréguas que o estrangeiro, ávido do que é nosso, nos move em três frentes de África. Como um português indomável. Mais do que saudade, merece a nossa veneração e homenagem.

Baltasar Vilarinho era meu amigo. Sem intimidade, é certo, ainda que nos tratássemos por tu; mas acamaradámos muitas vezes em Lisboa, mais do que em Aveiro, onde tínhamos múltiplos amigos comuns, nos meios artísticos. Era excelente companheiro, confraternizador e sempre bem disposto.

Conhecemo-nos pessoalmente em 1955, nas voltas

Continua na página nove

Cada cabeça... sua sentença

CINEMA OU TELEVISÃO?

COORDENAÇÃO DE JORGE SARABANDO MOREIRA

QUE prefere: cinema ou televisão?

A pergunta veio até nós, um tanto porque o iniciador desta secção a incluíra no seu projecto (tendo colhido já os depoimentos), e porque se trata, indubitàvelmente, duma questão que a todos nos atinge, passageiros do quotidiano que somos.

A resposta não implica qualquer opção qualificativa: obriga-nos, contudo, a uma reflexão cuidadosa, se atendermos a um futuro que se aproxima e que, a concretizar-se, mataria no homem o seu espírito criador e actuante. É esta reflexão que o filme de François Truffaut «Farenheit 451» nos propõe. Torna-se visível até que ponto a televisão (e outrora o cinema, embora menos marcadamente) modificou os hábitos, facultando uma passividade que, rectilínea e imóvel, encara, sentada, o mundo a mover-se, longe, muito longe... Largos sectores da população, a quem até agora era vedado o acesso à cultura, transformaram tanto o cinema como a televisão em instrumentos duma arte de massa, e neste contexto, criaram uma responsabilidade diferente para a crítica.

A televisão, o cinema? O que na primeira impede o convívio, encerrando o espectador no templo lárico, individualista, egoísta; o que no segundo sublima as frustrações do dia-a-dia, são duas faces do mesmo problema.

Mas... passemos a palavra.

UM PROFESSOR DO ENSINO SECUNDÁRIO

Com que então a minha preferência? E logo sobre cinema e televisão!

Pois seja, agora!... Só o tema «preferência» me leva que aceite entrar na «porta aberta» desta secção do *Litoral*, mesmo, ou até, por não me preocupar com o «jogo da casa»!

Com efeito, preferir é compreender: abster-se de exaltar incondicionalmente como eterno absoluto o que é humano e não em condenar tudo e sem um exame sério das questões.

Ora urge saber preferir. Porque preferir obriga a pensar para se escolher, por nós, aquilo que merece ser escolhido. Obriga-nos a saber distinguir, não confundindo, por exemplo, valores com nomes, ideias com pessoas, anonimato com impersonalidade!

Preferir cinema ou televisão, ou dizer que cinema ou que televisão se prefere, é uma forma de criar espírito crítico. Por falta de espírito crítico, tão fàcilmente criticamos os outros (o que será um modo de mostrar que os desconhecemos!) e tão raros são os que são capazes de se auto-criticarem (o que é um teste de muitos são os que descuram cultivar de verdade a sua personalidade!).

Quanto a preferências...

Sobre televisão, preferia que ela fosse, essencialmente, jornalismo pela imagem: transformasse a minha casa no Museu do nosso Mundo.

Assim: enquanto a Família vê «Culinária», eu como... sopa!

E se amigos, num amigável à vontade, me recebem a ver «Missão Impossível», eu pego revistas e... leio!

Quanto ao cinema, eu não sei o que é cinema... Ele é tantas *fitas*, que eu vejo Bergman, Fellini ou Antonioni... Para ver cinema, só vejo filmes!

E a propósito: quando virá, a Aveiro, «Kwaidan» ou quem viu «Ugetsu», quando o viu? A semana, de certeza!

Numa palavra: prefiro sopa à «Culinária» e procuro não me *insultar* deixando-me ser um domingueiro do cinema!

UM PROFISSIONAL DE SEGUROS

— Depende, até porque uma coisa nunca pode substituir a outra.

Continua na página nove

AVEIRO

AMEAÇADA PELOS ÍNDIOS

Na sua interessante secção «Aguarela Brasileira», o *Primeiro de Janeiro*, de 22 do mês transacto, deu à estampa, com o título em epígrafe, esta nova alarmante:

«A notícia está nos jornais: a tribo dos caipós ameaça a cidade de Aveiro, cuja população vive momentos de pânico. Foram solicitadas tropas para a região, a fim de conjurar o perigo. Tudo começou há dias, quando Francisco Chagas Catrapaz disparou sobre um índio. Outro índio chegou e levou o ferido.

Nos dias seguintes, os indícios do ataque multiplicaram-se. Vários caipós foram vistos rondando Aveiro. O delegado de polícia fugiu, e o mesmo fizeram diversas famílias, que se refugiaram na ilha do Papagaio e na cidade vizinha de Daniel de Carvalho.

Em Aveiro aconteceu, mas em Aveiro do Pará, no Brasil, cidadezinha que há pouco tempo se desmembrou do município de Santarém, no Baixo Tapajós, situada na margem direita do rio com o mesmo nome...»

Foi em Aveiro, sim, mas Aveiro do Pará... Que o nome de Aveiro não é exclusivo da nossa terra, conforme se pode ver em artigo do Dr. António Christo, publicado no *Litoral*, n.º 431, de 26-I-1963.

Deus nos livre dos caipós! E do famigerado Xico Catrapaz!

ENCERROU O ARCADA

DISSEMOS aqui, há uns tempos: «O Café Arcada vai fechar». Cumpriu-se o anúncio: o Café Arcada fechou! Foi na véspera de Natal: o dia mais festivo do ano, pela primeira vez, decde há décadas, não foi **aquecido** em Aveiro com a chávena de café fumegante no Café mais central, de maior tradição, ponto de convergência de todas as notícias, fonte de todas as novidades locais.

Reza assim, nas prestigiadas colunas de «O Primeiro de Janeiro», de 27 do mês findo, parte do **epitáfio** ao inesquecível centro de cavaqueira:

«Sucessor do Cisne da Arcada, onde pontificara, com o seu encanto de conversador culto e espirituoso, o Dr. Joaquim de Melo Freitas e o barão de Cadoro (este ainda pôde, já no declinar da vida e esgotadas as fortunas que delapidou nas grandes rodas nacionais e das capitais estrangeiras, com os seus dons de literato e de vagabundo esclarecido, relatar quanto viu e lhe sucedeu), o Arcada foi frequentado pela generalidade das mais distintas figuras aveirenses: Alberto Souto e o comandante Rocha e Cunha, duas personalidades, por muitos títulos inesquecíveis; o saudoso António Cristo, aveirógrafo, advogado, talentoso como aqueles, cheio de transbordante amor à sua terra; os «rapazes» dos jornais, desde o decano, o impecável Aurélio Costa com arraiais assentes no imutá-

Continua na página quatro